

Antonio Clarindo Barbosa de Souza (Org.)

História dos Municípios Paraibanos

Volume III
2013



Editora da Universidade Federal de Campina Grande

Alagoa Nova
Genes Duarte Ribeiro

Boqueirão
Jefersson Franciary Farias de Andrade
Roberta Lopes de Oliveira Brito
Valdirene Pereira de Sousa

Rio Tinto
André Figueiredo Rodrigues

Serra Redonda
Dayanne Azevedo da Silva



História dos Municípios Paraibanos

Volume III

Antonio Clarindo Barbosa de Souza (Org.)

História dos Municípios Paraibanos

Volume III

Autores

André Figueiredo Rodrigues

Dayanne Azevedo da Silva

Genes Duarte Ribeiro

Jefesson Franciarly Farias de Andrade

Roberta Lopes de Oliveira Brito

Valdirene Pereira de Sousa

Campina Grande – PB



2013

© dos autores e organizadores
Todos os direitos desta edição reservados à EDUFCG

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

História dos Municípios Paraibanos/Antonio Clarindo Barbosa de Souza (org.) - Campina Grande/PB:
EDUFCG, 2013

Vol. III

86p.

ISBN: 978-85-8001-089-3

1. Paraíba. - História. - 2. História. 3. Municípios Paraibanos. I Souza, Antonio Clarindo
Barbosa de II. Título.

CDU. 94.(813.3)

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - EDUFCG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
editora@ufcg.edu.br

Prof. Dr José Edilson Amorim
Reitor

Prof. Vicemário Simões
Vice-Reitor

Prof. Dr. José Helder Pinheiro Alves
Diretor Administrativo da Editora da UFCG

Flávia Raquel Bezerra Cabral
Editoração Eletrônica/Capa

Gracielle Costa
Foto da Capa

CONSELHO EDITORIAL

Antônia Arisdélia Fonseca Matias Aguiar Feitosa (CFP)
Benedito Antônio Luciano (CEEI)
Consuelo Padilha Vilar (CCBS)
Erivaldo Moreira Barbosa (CCJS)
Janiro da Costa Rego (CTRN)
Leonardo Cavalcanti de Araújo (CES)
Marcelo Bezerra Grilo (CCT)
Naelza de Araújo Wanderley (CSTR)
Rogério Humberto Zeferino (CH)
Valéria Andrade (CDSS)

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	
Lagoa do Paó no centro da cidade – Alagoa Grande PB.....	19
Imagem 2	
Aspectos urbanos de Alagoa Grande nas primeiras décadas do século XX.....	22
Imagem 3	
Configuração da página principal do site de divulgação dos Caminhos do Frio com os atrativos turísticos do brejo paraibano. Fonte: www.brejoparaibano.com.br	25
Imagem 4	
Cidade de Boqueirão.....	34
Imagem 5	
Desenho a lápis de Vanderley de Brito retratando o antigo arraial do boqueirão de Carnoió (2011).....	35
Imagem 6	
Construção do açude Epitácio Pessoa.....	37
Imagem 7	
Ernesto Heráclio do Rêgo em um curral.....	41
Imagem 8	
Banhistas no Túnel em Boqueirão.....	43
Imagem 9	
Encontro de Ecologia da Paraíba. O município de Rio Tinto. Disponível em: < http://enecopb.blogspot.com.br/p/local-do-evento.html >. Acesso em: 14 jan. 2013. Fonte: ENECO-PB.....	55
Imagem 10	
Capela Nossa Senhora dos Prazeres e Cruzeiro de Monte Mor.....	56
Imagem 11	
Imagem do Interior do setor de tecelagem da Companhia de Tecidos Rio Tinto, onde se observam trabalhadores em atividade. Fonte: VALE, Eltern Campina. Tecendo fios, fazendo história: a atuação operária na cidade-fábrica Rio Tinto (Paraíba, 1959-1964). Fortaleza, 2008. 225 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, p. 38. Disponível em: < http://www.ifch.unicamp.br/mundosdotrabalho/arquivos/eltern.pdf >. Acesso em: 14 jan. 2013.....	60
Imagem 12	
Vista aérea da fábrica de Rio Tinto. Fonte: PIONEIROS & EMPREENDEDORES. Universidade de São Paulo: Faculdade de Economia e Administração, 2012. Acervo iconográfico: volume 3 – Os Lundgren. Disponível em: < http://www.usp.br/pioneiros/n/ai.php >. Acesso em: 14 janeiro de 2013.....	61
Imagem 13	
Mapa ilustrado de Rio Tinto com suas construções principais. Fonte: DANTAS, Anna Aline Roque Santana. Rio Tinto, impacto do declínio econômico na organização espacial. João Pessoa, 2009. 102 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal da Paraíba, p. 48	64
Imagem 14	
Atual da cidade de Serra Redonda - Imagem cedida pela Prefeitura Municipal.....	71

Imagem 15	
Igreja Matriz de São Pedro.....	77
Imagem 16	
Igreja Evangélica Tabernáculo de Jesus Cristo.....	78
Imagem 17	
Primeira Escola de Serra Redonda - Eduardo Medeiros.....	79
Imagem 18	
Antiga Banda da cidade.....	81
Imagem 19	
Atual banda da cidade - Filarmônica Abdon Tavares.....	82
Imagem 20	
Foto de Nevinha Pinheiro.....	83

SUMÁRIO

Apresentação.....	09
-------------------	----

Capítulo 1

UMA HISTÓRIA DE ALAGOA GRANDE.....	15
Hino de Alagoa Grande.....	17
ALAGOA GRANDE - PB: UMA CIDADE DE JEITO (QUASE) BREJEIRO.....	19
1.1 Nas margens da Lagoa do Paó: Bultrins, Sesmeiros e FAZENDEIROS.....	20
1.2. As práticas Econômicas: Nos Trilhos, Nas Elevações e Nas Descidas.....	21
1.3 Alagoa Grande, Diversidade de Orações e Templos.....	23
1.4 Outros Ritmos, Sons e Festas.....	25
1.5 O Sapo Canta Na Lagoa: Ao Som da Memória de Jackson do Pandeiro.....	26
1.6 REFERÊNCIAS.....	27

Capítulo 2

UMA HISTÓRIA DE BOQUEIRÃO.....	29
Hino de Boqueirão.....	31
BOQUEIRÃO: A CIDADE DAS ÁGUAS.....	33
2.1 Primeiras Palavras.....	33
2.2 Localização e Limites Geográficos de Boqueirão.....	34
2.3 O Processo de Formação Histórica do Território de Boqueirão - PB.....	35
2.4 Aspectos da Economia Boqueiraõense.....	39
2.5 Aspectos políticos.....	41
2.6 Aspectos Religiosos.....	42
2.7 Práticas de lazer na cidade das águas.....	43
2.8 Considerações Finais.....	46
2.9 Notas.....	47
2.10 REFERÊNCIAS.....	47

Capítulo 3

UMA HISTÓRIA DE RIO TINTO.....	51
Hino de Rio Tinto.....	53
RIO TINTO: A CIDADE - FÁBRICA DOS LUNDGREN.....	55
3.1 Localização e Aspectos Gerais.....	55
3.2 Antecedentes Históricos.....	56
3.3 A construção da Cidade-Fábrica de Rio Tinto.....	57
3.4 A companhia de Tecidos Rio Tinto.....	59
3.5 O município de Rio Tinto.....	63
3.6 Fonte.....	65
3.7 REFERÊNCIAS.....	65

Capítulo 4

UMA HISTÓRIA DE SERRA REDONDA.....	67
Hino de Serra Redonda.....	69
SERRAREDONDA.....	71
4.1 Localização Geográfica.....	71
4.2 Estimativa Territorial e Populacional.....	71
4.3 Fundação.....	72
4.4 Aspectos Econômicos.....	74
4.5 Aspectos Religiosos.....	75
4.6 Educação.....	78
4.7 Aspectos Culturais: Artesanato, Festas Religiosas, Poesia e Música.....	80
4.8 Poeta.....	82
4.9 Artesanato.....	83
4.10 Cinema.....	84
4.11 Considerações Finais.....	85
4.12 REFERÊNCIAS.....	85

APRESENTAÇÃO

HISTÓRIA REGIONAL E HISTÓRIA LOCAL: QUEM DETERMINA O QUE FAZEMOS ENQUANTO HISTORIADORES?

*Antonio Clarindo Barbosa de Souza**

Em primeiro lugar gostaria de colocar aos possíveis leitores (colegas de profissão) que a proposta para falar deste assunto é sempre difícil, mas como todo historiador preocupado com as questões que afetam a nossa disciplina e a nossa área de estudos determinei-me a enfrentar um tema que, de tão aparentemente óbvio, torna-se problemático.

A primeira questão que se coloca é o que é regional e o que é nacional na produção historiográfica brasileira? Some-se a esta primeira indagação algumas outras: Quem define estas questões? Como tais relações de forças ou conjunto de poderes definem o que deve ser tido como geral e como particular?

Nos últimos 30 anos, muito tem sido produzido sobre a história brasileira, incorporando as inovações metodológicas trazidas, inicialmente pela escola dos Annales e, posteriormente, pelas correntes historiográficas da História Social Inglesa e da História Cultural Francesa¹.

Tais inovações adentraram o meio acadêmico brasileiro pela via das grandes instituições de ensino do eixo Rio-São Paulo, como a Universidade Federal Fluminense, a USP; a Unicamp e mesmo a PUC-Rj e a PUC-SP, e depois acabaram por expandir-se para as demais regiões do país a partir do momento que vários estudantes de história passaram ou tiveram a oportunidade de realizar seus cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado) em algumas destas conceituadas instituições.

A partir da segunda metade dos anos de 1980, o retorno destes estudantes pós-graduados às suas instituições de origem, muitos deles agora na qualidade de professores, trouxe para o Norte, o Nordeste, o extremo sul e Centro-Oeste do país muitas inovações para a pesquisa e o ensino da história. Todavia, como quase sempre ocorre no Brasil, as lições de métodos

* Professor da Unidade Acadêmica de História da UFCG. Doutor em História pela UFPE-2002 e autor, em parceria, dos seguintes livros: *A Paraíba no Império e na República*; 1a Edição; João Pessoa; Ed. Idéia; 2003; *História da Mídia Regional - O rádio em Campina Grande*; Campina Grande; EDUEP/EDUFCG; 2006 e *História da Paraíba - Ensino Médio*; Campina Grande; EDUFCG; 2007.

¹ Sobre os novos paradigmas ver ARANHA, Gervácio Batista - "A História Renovada: a emergência dos novos paradigmas" in: *SAECULUM - Revista de História da UFPB*; João Pessoa; EDUFPB; 1998/1999; p.41-72 e CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo - *Domínios da História*; Rio de Janeiro; Ed. Campus, 1997 - coletânea de ensaios sobre Teoria e Metodologia da História que esmiuça em seus vários capítulos as mudanças nas formas de pesquisar, escrever e ensinar história a partir dos anos 1980.

aprendidas nos espaços tidos como focos do debate historiográfico acabaram sendo mal adaptadas pelos Historiadores locais, ocorrendo, por vezes meras transposições de categorias e esquemas de explicação para temas que não eram do mesmo quilate dos estudados nas universidades do sul.

Temos que lembrar ainda, que sempre se produziu histórias nos estados menos conhecidos da federação, mas quase sempre, tais histórias, tidas como regionais ou locais estavam ancoradas nos ideais positivistas que privilegiavam os chamados grandes vultos locais ou os acontecimentos que não tivessem sido devidamente analisados pela chamada historiografia nacional. Esta produção historiográfica, caudatária dos Institutos Históricos e Geográficos locais, acabava por reafirmar este lugar de uma história menor, porque local, ou tentar vincular todo e qualquer acontecimento estadual ou municipal a uma corrente de acontecimentos que teriam ocorrido no país. Assim acontecia com as revoltas provinciais (desde a Revolução Farroupilha até as Insurreições nordestinas da época imperial). Desta maneira, a história local era vista como mero apêndice de uma suposta história nacional, gerada e gestada no centro-sul do país.

Com a chegada de novos historiadores, munidos dos novos referenciais teóricos da História Social, alguns estudos passaram a ser feitos com o intuito de identificar, em cada estado não hegemônico da federação, como haviam ocorrido as experiências de vida das denominadas classes subalternas, desde os trabalhadores escravos até os operários das primeiras décadas do século XX. Estas inovações na forma de estudar, escrever e ensinar a história, se por um lado trouxeram questões relevantes para a definição sobre o que seria uma história local e uma história nacional, por outro lado mostraram a fragilidade e inadequação de tentar homogeneizar todas as práticas humanas desenvolvidas em nosso país a partir de uma matriz única, coesa e aparentemente indiscutível.

Percebeu-se e passou-se a criticar as tentativas de fortalecer um processo de sedimentação de uma suposta identidade nacional, que quase sempre se pautava pelos interesses de determinados grupos, que utilizavam de todos os mecanismos possíveis para, a partir de certos marcos da memória (descobrimento, inconfidência mineira, independência, proclamação da República, etc... estabelecer que esta era a História Nacional a ser pensada em detrimento das múltiplas histórias locais e regionais. (FONSECA:2000:11)²

Com a (re)descoberta de certos movimentos e práticas sociais que poderiam e deveriam ser explicadas por processos internos de cada estado ou região do país, que possuíam uma dinâmica própria e, conseqüentemente, poderiam ter uma explicação histórica própria, os historiadores locais perceberam que nem sempre precisavam realizar uma explicação macro (as vezes até internacional) para chegar até o seu tema de pesquisa, fazendo o que chamaríamos de processo do cone invertido, no qual a explicação histórica teria que começar do geral para o particular. Os estudos realizados a partir da segunda metade dos anos 80 do século XX começaram a priorizar uma síntese explicativa que articulasse bem os temas aparentemente periféricos aos estudos mais gerais, mas sem com isto submeter um tema aos outros. Desta forma, temas como a urbanização de cidades como Belém, Fortaleza, João Pessoa, Recife, Salvador, Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis, Santos, Uberaba, Uberlândia ou Campina Grande,

2 FONSECA, Silva Guimarães - O livro didático de história; RJ; Cortez Autores Associados; 1998.

passaram a ser estudados, descritos e reelaborados a partir de perguntas locais e não apenas para dar resposta a um suposto contexto nacional do desenvolvimento do capitalismo comercial, por exemplo. O que buscou-se nestes estudos³ foi levantar que problemas os homens destas cidades passavam, como os entendiam e como acionavam mecanismos de sobrevivência dentro desses diferentes contextos. Claro que as experiências de urbanização de Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte serviram de balizas para estes estudos sobre a higienização, as normatizações médicas, a violência urbana, os problemas de moradia e trabalho, as relações de gênero e de etnia, os processos de ocupação do espaço urbano, mas os historiadores ditos locais foram percebendo que se o problema poderia parecer o mesmo, e as soluções apresentadas pelas elites dirigentes eram similares, as formas como os ditos subalternos reagiram a elas, eram diversas, sobretudo, porque eram diversos os seus valores culturais.

Se num primeiro momento desta renovação historiográfica predominaram os estudos vinculados à história social de matriz inglesa, utilizando-se quase sempre os estudos de E.P.Thompson como guias, a diversidade de questionamentos propostos pelos novos vários temas surgidos, levou a uma gama imensa de historiadores a pensar em questões de caráter mais culturais, como práticas, representações, usos, estratégias, táticas, rede de poder disciplinar e sociabilidades e sensibilidades. Estes temas, incorporados agora, via as leituras de Roger Chartier, Michel Foucault e Michel de Certeau, acabaram por trazer à tona, mais problemas para a história dita nacional, pois tais temáticas não se sustentam mais na busca de uma memória, buscando sempre apresentar como tais práticas se dão ou se efetivam em diferentes contextos.

Apesar de todas estas mudanças nas formas de estudar, escrever e ensinar história, resta ou restava ainda outro problema crucial a resolver, que era. Como fazer com que estas inovações pudessem chegar às salas de aula do ensino fundamental e médio e mesmo ao grande público, tornando este conhecimento alvo do entendimento de mais pessoas que não apenas os especialistas.

Um dos suportes que sempre foi usado para a difusão, não apenas do conhecimento, mas sobretudo de uma memória homogeneizante, foi o livro didático. Este equipamento pedagógico, que durante muito tempo serviu para fortalecer a idéia de identidade nacional e de história unidimensional, também começou a ser criticado, principalmente a partir do momento em que

3 Sobre os processos de urbanização destas cidades há uma ampla gama de trabalhos que poderiam ser considerados regionais ou locais, mas que estão de tal forma bem articulados com as discussões nacionais que em nenhuma listagem bibliográfica podem ser citados como tal. Somente a título de exemplo gostaríamos de citar: ARAÚJO, Erick Assis de - Nos labirintos da cidade: Estado Novo e o cotidiano das classes populares em Fortaleza. Fortaleza. INESP, 2007. ARRAIS, Raimundo Alencar. Recife: culturas e confrontos. Natal; EDUFRN, 1998; FERNANDES, Ana e GOMES, Marco Aurélio A. de F. (orgs.) Cidade e História; SalvadorUFBA/Faculdade de Arquitetura/ANPUR, 1992; LANNA, Ana Lúcia D. Uma cidade em transição:Santos - 1870-1913; Santos-SP:HUCITEC/Prefeitura Municipal de Santos, 1996; MOREIRA, Fernando - A construção da cidade moderna. Recife (1909-1926). Mestrado em Desenvolvimento Urbano, Recife, UFPE, 1994; PÉS AVENTO, Sandra Jatahy - Os pobres na cidade; Porto Alegre; EDUFRGS;1994; PESA VENTO, Sandra Jatahy - O imaginário da cidade - visões literárias do urbano Paris - Rio e Porto Alegre; Porto Alegre, EDUFRGS;2a edição 2002. PONTE, Sebastião Rogério - Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social(1860-1930).Fortaleza;Fundação Demócrito Rocha/Multigrafa Ed.Ltda, 1999. REZENDE, Antônio Paulo. (Dê)encantos Modernos:histórias da cidade do Recife na década de vinte; Recife;FUNDARPE, 1997; SOUSA, Fábio Gutemberg R.B de Sousa - Territórios de Confrontos:Campina Grande - 1920-1945; Campina Grande; EDUFCG;2006;

os novos historiadores viram-se forçados a contarem as histórias de seus próprios estados sem se ampararem nas muletas conceituais de seus pares sulistas (ou sudestinos, como preferem alguns). O exercício ou esforço de tentar contar aos alunos do ensino fundamental e médio como ocorreu o processo de formação histórica dos estados em que estas crianças e adolescentes vivem, foi desde os seus inícios uma tarefa louvável, pois mesmo com erros e acertos, historiadores cearenses, pernambucanos, baianos, gaúchos, mineiros (de cidades do interior que não Belo Horizonte), paraibanos, sergipanos, amazonenses, paraenses, entre outros elaboraram obras didáticas que buscam refletir sobre as experiências de homens e mulheres nestas diversas regiões, sem perder, em nenhum momento, a noção da especificidade de cada uma destas histórias. Desta forma, os livros didáticos que eram impostos compulsoriamente aos professores de todo o país por programas governamentais de distribuição dos mesmos, passaram por todo um processo de discussão em que foram colocados em questão os critérios de escolha e os conteúdos trabalhados pelos autores que poderiam ser (e em geral são) bons historiadores, mas que estavam distantes ou não tinham pleno conhecimento das realidades apresentadas. Hoje já podem ser encontrados livros didáticos regionalizados e alguns até voltados exclusivamente para um público local, com eixos temáticos, atividades propostas e bibliografias específicas para cada estado ou região⁴. A contribuição dos programas de Pós-Graduação das Universidades ditas periféricas tem sido de fundamental importância para a revisão destes conceitos de história local, regional ou Nacional⁵. Enquanto alguns programas insistem em manter linhas de pesquisa que dão ênfase ao local ou à região, os próprios trabalhos de alguns de seus alunos e professores buscam uma integração temática, metodológica e historiográfica com o que se escreve no restante do Brasil e do mundo. Por outro lado, os novos programas emergentes (e aqui me refiro mais especificamente aos PPGHs da UFPB, UFRN e da

4 Notícia veiculada nos jornais do dia 02 de junho de 2006 dava conta de que “Os professores de 1a a 4a série do ensino fundamental da rede pública têm opção este ano de escolher livros regionais de história e geografia que serão adotados pelas escolas de 2007 a 2009. São 27 títulos de história regional e outros 21 títulos de geografia regional para escolha e cujas resenhas e análises estão no Guia do Livro Didático. A opção da escola deve ser por um único título de história regional e outro de geografia regional. Os livros regionais de história, constantes no Guia do Livro Didático deste ano, são dos estados de Minas Gerais, Ceará, São Paulo, Bahia, Pernambuco, Pará, Rio Grande do Sul, Goiás, Paraná, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Mato Grosso, Bahia, Santa Catarina, Rio de Janeiro e Pernambuco. O que mais chama a atenção na notícia é sua parte final que afirmava “Alguns estados têm mais de uma opção para escolha”.

5 Veja-se, por exemplo, como se auto define a Revista de História Regional da UFPG (Ponta Grossa), “define-se como espaço de veiculação de trabalhos que tenham enquadramento dentro do campo da História e Região. Isto significa que a RHR objetiva discutir os espaços simbólicos e as práticas sociais, articulados ao debate epistemológico sobre tempo e espaço. A noção de “região” relaciona-se aos fenômenos culturais, sociais, econômicos e políticos e articula as dimensões consagradas na produção historiográfica, evidenciando sua complexidade. Dessa forma, não se trata da adoção do conceito tradicional de região como sendo uma porção da superfície terrestre que possui determinadas características homogêneas e limites - sociais ou políticos - rígidos. O conceito de região é plural, móvel e configurável de acordo com os diversos problemas de pesquisa. Considerando tal multiplicidade, definir a região implica em definir escalas de trabalho. Esta proposta apresenta-se como uma alternativa à adoção acrítica de quadros conceituais universais que pensam a sociedade homogeneamente, como se todos vivenciassem da mesma maneira as dimensões de tempo e espaço. Ao adotar uma perspectiva de escala, implícita ou explicitamente, define-se o que é significativo no fenômeno, ocultando ou dando visibilidade a determinados aspectos da realidade. Quando a escala muda, as variáveis significativas do fenômeno mudam e, nesse sentido, a complexidade do fenômeno histórico se impõe, construindo-se a “pluriversalidade” do conhecimento em oposição à universalidade gerada por uma dependência acrítica de padrões epistemológicos consolidados”.

UFCG) buscam ampliar seus trabalhos no sentido de incorporar em seus quadros trabalhos de pesquisa de professores e alunos que não tenham um tipo de preocupação localista que impeça esta vinculação maior com o todo. Nas palavras da professora Rosa Maria Godoy Silveira, do Programa de Pós-Graduação da UFPB "...o programa de Pós-graduação deve recusar uma ultrapassada concepção de território, que, na prática, seria aceitar todo e qualquer trabalho de pesquisa apenas porque rebata em uma determinada territorialidade físico natural (e não se chama isto, hoje, de espaço geográfico) - e incorporar o entendimento de que o eixo estruturante das investigações a que se propõe, é o da Cultura Histórica e como ela se concretiza nas territorialidades..." (SILVEIRA; 2007:40)⁶

Tal entendimento suscitado nos novos programas de Pós-Graduação oferece a possibilidade de encarar os trabalhos ditos locais como exemplares de uma história também nacional, porque esclarecedora de outras vivências dentro do país. A construção de territorialidades próprias ou de demarcação de espaços, não deveria significar nem exclusão das histórias locais, nem hierarquização entre as diferentes histórias escritas no país. Ainda segundo SILVEIRA "Na produção e reprodução de sua existência, as sociedades, os grupos sociais, as pessoas demarcam seus espaços de sobrevivência, se localizam, se situam, ocupam posições, defendem-nas ou lutam por elas." (SILVEIRA;2007:43)

Quanto às agências de fomento, mesmo tendo ampliado bastante os comitês assessores que emitem parecer sobre os programas de Pós-Graduação e sobre as suas respectivas produções, dissertações de mestrado e teses de doutorado, muitos dos pareceristas continuam a ver as histórias produzidas em pequenos centros de produção intelectual como "histórias locais", apesar delas se vincularem tanto às concepções teóricas mais modernas, às metodologias de estudo e escrita da história utilizadas nos grandes centros e de suas questões e análises serem tão ou mais pertinentes para explicar os vários brasis, quanto qualquer estudo realizado no eixo Rio-São Paulo.

Se esta pode parecer uma realidade vivida somente pelos programas de Pós-Graduação do Norte e Nordeste do país, na verdade é um problema enfrentado também pelos programas da região Sul (RS, SC e PR) e, mesmo pelos programas do interior dos grandes estados como SP, MG e RJ (Unesp; PUC-Minas ou UFRRJ). Esta realidade vem mudando com a incorporação de renomados professores das Universidades do Norte, Nordeste e Centro Oeste, que têm feito ver aos Conselhos Técnico-Científico da CAPES e CNPq que os chamados programas periféricos ou ascendentes possuem uma produção digna de figurar em qualquer história nacional e que os critérios de avaliação e nomenclatura dos mesmos devem ser, se não mudados de todo, pelo menos ampliados para acatar trabalhos que mostrem suas vinculações temáticas, teóricas, metodológicas e conceituais com a chamada história nacional.

O nosso desejo, como historiadores do Norte e Nordeste, é que nossas produções possam ser vistas como uma contribuição à História deste país, que teima em querer esquecer as inúmeras diferenças regionais, étnicas, sociais, econômicas e culturais sobre as quais ele foi e vem sendo construído. Que este livro sirva para reafirmarmos que não fazemos História

6 SILVEIRA, Rosa Maria Godoy - "A cultura histórica em representações sobre territorialidades" in: *Saeculum - Revista de História*, ano 13, n° 16 (2007) - João Pessoa: Departamento de História/Programa de os-Graduação em História/UFPB, jan/jun.2007.

do Ceará, da Paraíba ou do Rio de Janeiro, mas que fazemos história, em pelo menos dois de seus múltiplos sentidos: enquanto processo de vivências de homens e mulheres e enquanto pesquisa, escrita e ensino de como ocorre tal processo.

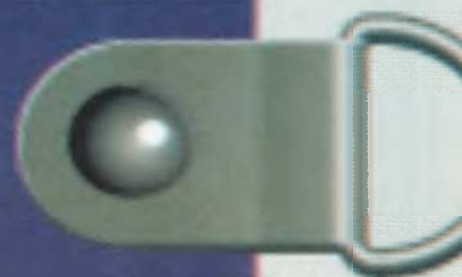
Um livro sobre a história dos municípios paraibanos, parte de uma coleção já com 3 volumes, é a nossa contribuição a esta ampliação dos estudos, temas e reflexões sobre a história do nosso Estado. Todavia, entendemos que o aluno do Ensino Médio de Alagoa Grande, Boqueirão, Rio Tinto ou Serra Redonda, quando tiver com este exemplar em mãos, terá orgulho de ver a história do seu município figurar como mais uma parte importante disto que definiram como História Nacional e que, nós, como autores definimos apenas como nossa história.

Boa leitura a todos!



UMA HISTÓRIA DE ALAGOA GRANDE

CAPÍTULO 1



HINO DE ALAGOA GRANDE

Alagoa grande, ó terra querida.
Te contemplo e te exalto imortal.
Os teus sonhos, são sonhos da vida,
Na paisagem do teu pedestal!

A lagoa retrata o cruzeiro,
Sombreando nas águas a cruz!
E a cidade com jeito brejeiro,
Se enfeita de graça e de luz!

Ó virgem da boa viagem!
Símbolo de amor, porque é!
Os teus filhos veem em tua imagem:
A razão de viver pela fé, a fé!

ALAGOA GRANDE-PB

Uma cidade de jeito (quase) brejeiro

Genes Duarte Ribeiro



Imagem 1. Lagoa do Paó no centro da cidade – Alagoa Grande-PB

Saindo do Litoral em direção ao interior paraibano chegamos à Mesorregião do Agreste e na microrregião denominada de Piemonte da Borborema onde está localizada a cidade de Alagoa Grande-PB, essa intermediação geográfica entre o Litoral e o Sertão faz com que a vegetação dessa região tenha características da Mata Atlântica como também de aspectos da Caatinga nordestina. O município de Alagoa Grande-PB faz limites ao leste com a cidade de Gurinhém e Mulungu; ao sul Juarez Távora, Serra Redonda e Massaranduba; ao Norte Areia e Alagoinha; ao Oeste Matinhas e Alagoa Nova e distante 103 km da capital João Pessoa. De acordo com o Censo Demográfico do ano de 2010, no sitio do IBGE a população do município é de 28.126 habitantes distribuídos por uma área territorial de 332,558 km².

1.1 Nas margens da Lagoa do Paó: Bultrins, Sesmeiros e FAZENDEIROS.

Olhando para a Lagoa do Paó, localizada no centro da cidade de Alagoa Grande-PB, percebemos que as terras que ficam próximas as suas margens são disputadas pelas construções comerciais e residenciais que continuam sendo erguidas em sua volta. De fato, a urbanização e o crescimento populacional somam outros fatores que violentam contra a lagoa reduzindo cada dia seu tamanho, como também o desmatamento da vegetação nativa em suas margens, o despejo constante de lixos e esgotos e a criação de animais ao seu redor, demonstrando tanto a falta de sensibilidade ambiental, mas também de consciência histórica da população alagoagrandense sobre aquele lugar.

Sendo assim, muitos nem imaginam que nessa mesma lagoa, que chegava há 3 km durante o inverno, foi durante muito tempo o local de sobrevivência dos índios cariris, possivelmente os Bultrins, que em suas margens eram beneficiados pela abundância de água, peixes e árvores frutíferas. Como viviam os Bultrins nas margens da lagoa? Os estudos pré-históricos apontam de maneira geral que eles moravam em ocas feitas com varas e rebocadas com barro, como ainda hoje podemos encontrar casas construídas com essas características. Essas ocas formavam a aldeia, construída perto da lagoa, pois era de lá que tiravam seu sustento, como já afirmamos anteriormente e também a prática do banho diário.

Para a fabricação dos instrumentos de guerra e utensílios de uso cotidiano usam matéria-prima de fácil acesso, como a madeira, osso, fibras vegetais e pedras. São vários os instrumentos usados pelos Bultrins como machados, arcos, flechas, facas, pilões e raspadores.

Eram seminômades, uma vez que mesmo se fixando num determinado local poderiam emigrar devido a condições climáticas ou de guerra. Dependia da caça, pesca e da coleta de frutas. Entre eles havia a divisão dos trabalhos, uma vez que os homens eram os caçadores, pescadores e guerreiros e as mulheres preparavam os alimentos, educavam os pequenos e fabricavam redes e potes de barro.

Dessa forma, o trato com o meio ambiente em que viviam obedecia à cultura da necessidade e da relação sagrada com a terra, a água, a vegetação e os animais. A propriedade entre eles era coletiva, as coisas eram divididas igualmente e o ritmo de trabalho determinado pela sobrevivência de todos.

Entretanto, a partir do momento em que as terras que pertenciam aos índios começaram a ser “doadas” pelos governadores das capitânicas através de sesmarias os conflitos também se iniciaram entre os colonizadores e os nativos, porém, em detrimento a exploração e dizimação desses últimos.

As terras que hoje pertence ao município de Alagoa Grande já tinham sido local das primeiras entradas por volta de 1620 a 1624 comandadas pelo governador Elias Herckman, porém com a invasão holandesa, essas incursões no interior foram interrompidas e só foram retomadas anos mais tarde.

Porém, no início do século XVIII deram início a instalação e povoamento de fazendas de gado nas proximidades da Lagoa do Paó, uma vez que já no ano de 1780 novas sesmarias eram novamente concedidas a D. Florencia Pereira de Jesus, viúva do Alferes Isidoro Pereira Gondim, portanto herdeira das sesmarias de seu marido. As justificativas dadas para a criação de gado na região era que as terras eram “devolutas”, ou seja, não tinha proprietários, apesar da existência dos Bultrins naquele lugar, e ainda a abundância de água necessária para as fazendas.

Deduzimos que tenha ocorrido nas margens da Lagoa do Paó os mesmos acontecimentos no interior do território paraibano, quando ocorreu a conquista do Sertão, ou seja, mediante a necessidade para a expansão da pecuária longe dos engenhos de cana-de-açúcar do litoral, os fazendeiros foram empurrados para o interior e desse modo expulsando e matando os índios que encontravam no caminho.

1.2 As práticas Econômicas: Nos Trilhos, Nas Elevações e Nas Descidas.

No final do século XVIII e início do XIX as terras férteis do Piemonte também serviram para a instalação de engenhos, que já somavam vinte seis em atividade nesse período, fabricando rapadura, aguardente e açúcar. Entretanto, foram eles responsáveis também pela destruição da vegetação local da Mata Atlântica e o uso intenso da mão de obra escrava negra.

É dessa forma que latifundiários puderam enriquecer e se ostentaram construindo casarões no centro da cidade, localizados ao lado da Igreja Matriz, tornando-se testemunha desse momento de opulência. De fato, num desses casarões é coberto de azulejos importados de Portugal e como revindicação da elite local em 1847 Alagoa Grande é elevada a categoria de Distrito, em 1861 já possuía uma Igreja suntuosa que lhe garantiu a condição de Paróquia, em 1864 seu território é desmembrado de Areia, tornando-se município independente e em 1908 a cidade torna-se sede do município.

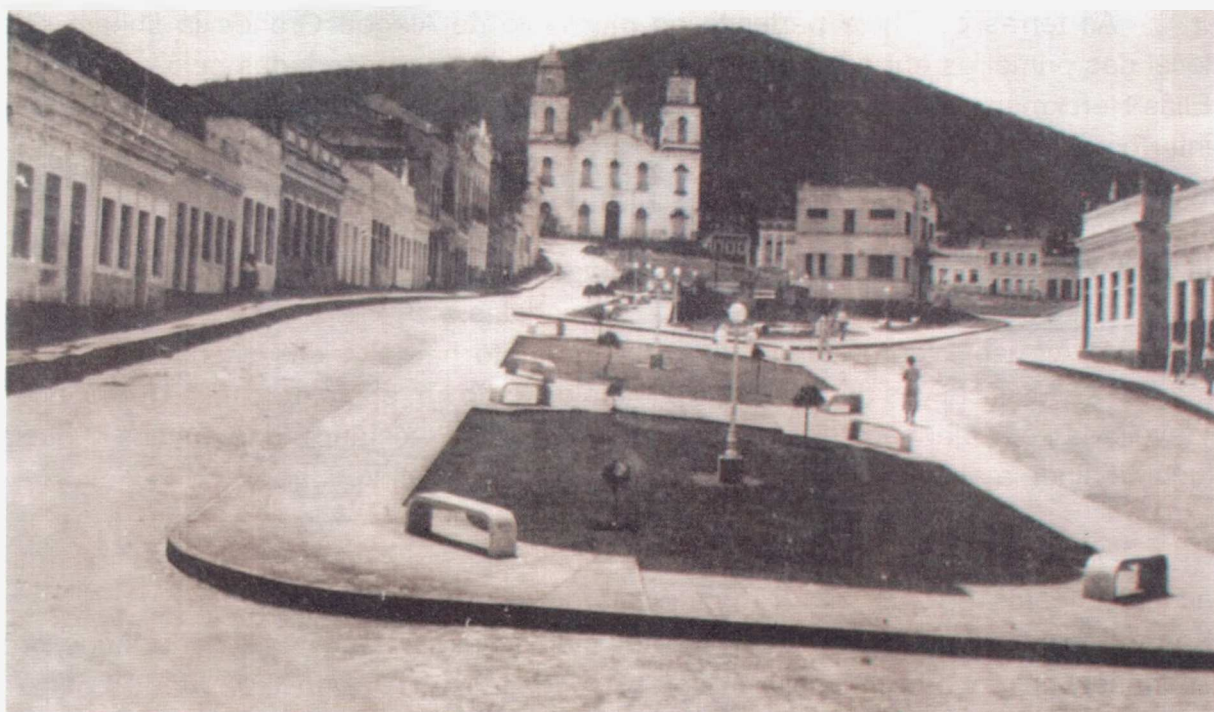


Imagem 2 . Aspectos urbanos de Alagoa Grande nas primeiras décadas do século XX

Outro aspecto da economia da cidade nas primeiras décadas do século XX foi a produção de algodão, que após a instalação da linha férrea em 1901, o município despontou como um dos grandes produtores no estado da Paraíba e atraiu comerciantes de outras cidades a fim de se beneficiarem do novo transporte, como também para comprar produtos vindos da capital.

Em 1909 já contavam 20 máquinas de descaroçar algodão movido a vapor o crescimento foi tanto que em 1930 foi instalada a primeira indústria da região para o beneficiamento do algodão a WHARTON PEDROZA, como matriz na cidade de Natal-RN.

Movidos pelo progresso comercial em que se encontrava o município, as próximas décadas do século XX foram movidas pela inserção da fabricação de açúcar dos engenhos, pela criação da Usina Tanques¹ para a fabricação em larga escala de açúcar, bem como a produção de agave que até os anos de 1950 representa uma das principais forças econômicas do município.

Por outro lado, a cidade se revestia de aspectos de capital, a exemplo disso foi a construção do Teatro Santa Ignez, um dos mais antigos do estado, palco de apresentações nacionais e internacionais. A Imprensa de outros estados chegava a

¹ Inaugurada em 1926 sob propriedade dos sócios: Heretiano e Apolônio Zenayde (irmãos) e João Holmes Sobrinho, absorvia a maior parte da cana-de-açúcar cultivada nas proximidades de Alagoa Grande, produzindo açúcar em grande escala. Foi adquirida posteriormente pelo Agro-Industrial Agnaldo Velloso Borges que faleceu em 1990, deixando-a sob a administração de sua filha até a falência definitiva no final do século XX. (FREIRE, 2002).

cada desembarque do trem, a exemplo do *Diário de Pernambuco* e *A União* como também jornais e revistas produzidas na própria cidade.

O automóvel já circulava pelas ruas de Alagoa Grande desde 1919 e após a instalação de duas agências para a negociação de veículos imaginamos que aumentou considerável a frota circulando pelas ruas. Podemos destacar ainda a iluminação elétrica inaugurada em 1920, a chegada do cinema no mesmo ano e a diversidade de produtos comercializados na localidade, como revistas, livros religiosos, vidros e molduras. Em 1949 a cidade começou a ser abastecida por água encanada, Alagoa Grande foi a terceira a receber água encanada, depois de João pessoa e Campina Grande, no Estado da Paraíba.

Porém, nos finais dos anos de 1960 a curva do crescimento econômico declina, vários fatores contribuíram para a estagnação de Alagoa Grande, um deles foi a retirada inesperada do trem o que prejudicou o escoamento do agave e do algodão.

No entanto, com a crise desses dois produtos houve espaço para uma breve modernização de equipamentos e crescimento da Usina Tanques, que sustentou a economia da cidade por várias décadas, mas que por outro lado favoreceu o fechamento de vários engenhos que não tinham como concorrer com uma produção maior, mas no ano de 1997 após as crescentes dívidas bancárias e com os fornecedores, as causas trabalhistas e altos impostos fez com que a usina fechasse suas portas provocando êxodo rural e estagnação econômica no município.

Nas primeiras décadas do século XXI os produtos de subsistência que são trazidos da zona rural para a feira livre aos sábados, tem se tornado uma das poucas alternativas para a população local, bem como a criação de animais de pequeno e grande porte.

Como sobrevivência econômica do município o comércio formal e informal com uma grande variedade de artigos como vestuário, calçados, utensílios domésticos, eletrônicos, móveis, alimentos industrializados, frutas e verduras tiveram que dar a sustentação necessária, bem como a prestação de serviços de funcionários do governo federal, estadual e municipal e os idosos que subsistem com as aposentadorias e pensões.

1.3 Alagoa Grande, Diversidade de Orações e Templos.

A partir da inauguração da Igreja Matriz no ano de 1868, como descrito em sua fachada, num local privilegiado na elevação do centro da cidade, consolida não somente o credo católico de seus moradores como também os investimentos

econômicos na religião oficial. O templo tem recebido investimentos a cada período para as melhorias em sua infraestrutura, tanto na parte externa como na parte interna através de campanhas promovidas pelos padres junto aos comerciantes locais e aos fiéis.

Entre as celebrações religiosas e as missas do calendário litúrgico católico a procissão com a imagem de Nossa Senhora da Boa Viagem pelas ruas de Alagoa Grande ainda é o maior evento que reúne uma multidão todos os anos no mês de fevereiro. Entretanto, nas primeiras décadas do século XX, a hegemonia católica foi quebrada pela instalação da primeira protestante no sítio Vertentes, a poucos quilômetros de Alagoa Grande.

A Igreja Assembleia de Deus de Vertentes foi organizada pelos missionários pentecostais e ao longo do século XX surgiram outras alternativas de credos, como a Igreja Congregacional que chegou em 1957, o salão do reino das Testemunhas de Jeová e a Instituição Espírita Joana de Ângelis nos anos de 1980, a Igreja Batista e o movimento da Renovação Carismática Católica chegaram nos anos de 1990².

Podemos ainda identificar na religiosidade popular uma das características marcantes em Alagoa Grande, as romarias em direção ao Juazeiro do padre Cícero e ao Memorial Frei Damião em Guarabira, movimentam romarias constantemente, uma vez que, nas margens da lagoa guarda na memória popular a presença de Frei Damião na cidade, quando segundo relatos, numa de suas pregações naquele local, ordenou que os sapos deixassem de fazer barulho enquanto falava, e a partir dali nunca mais se ouviu o cantar dos sapos na Lagoa do Paó.

Esse fato é atestado pelos moradores que garantem que nas proximidades onde foi construído a sede da Prefeitura Municipal, local da romaria em que Frei Damião silenciou os anfíbios, não se ouve nenhum coaxar, nem mesmo durante o mais rigoroso inverno.

As expressões visíveis da cultura afro-brasileira através dos terreiros de candomblé funcionaram até recentemente de forma discreta e silenciosa, nos fundos dos quintais e seus frequentadores não assumiam publicamente os seus credos. Como alternativa religiosa e com práticas públicas a pouco menos de dez anos no mês de dezembro, os que fazem parte do terreiro do Pai Geo saem as ruas em procissão com a imagem de Iemanjá, conduzida num andor e religiosos trajados de orixás, cantando

2 O movimento carismático chegou a Alagoa Grande sobre forte desconfiança dos católicos tradicionais em relação as inovações durante as celebrações carismáticas, como o uso de instrumentos, palmas, danças e oração de olhos fechados. Com a autorização do Padre Geraldo Magela, instalaram-se na capela São José, construída em homenagem ao centenário da independência do Brasil no ano de 1922, mas que estava alguns anos sem funcionamento, o grupo cresceu e até hoje se encontra em suas reuniões de oração no mesmo local, com o nome de "Cristo Vida".

e dançando mantras numa afirmação da opção de sua religiosidade que apesar da discriminação consegue se manter em meio ao sincretismo popular.

1.4 Outros Ritmos, Sons e Festas

No calendário de festa alagoagrاندense o mês de agosto é bastante movimento com a **Cavalgada** que reúne aproximadamente 500 cavaleiros e amazonas que percorrerem o caminho da “Rota do Leite”. Esse evento está integrado também no calendário turístico do Estado e é organizado pelo Sindicato dos Produtores Rurais com participação do Sistema Senar/Faepa, tendo apoio do Governo Municipal, produtores e trabalhadores rurais, comerciantes, empresários e entidades públicas e particulares. A cavalgada pretende ainda estimular o desenvolvimento da bacia leiteira do município, bem como expandir a produção de leite local.

Em tempos de novos caminhos e escolhas econômicas, a administração local impulsionada por órgãos federais ou instituições de orientação a micros empreendedores tentam impulsionar a economia com propostas de turismo ecológico ou histórico, a partir da instalação do museu de Jackson do Pandeiro e de Margarida Maria Alves, da trilha dos engenhos, dos casarões do centro da cidade, do Teatro Santa Ignez, do Salão de Artesanato, a subida ao Cruzeiro, visita ao restaurante e engenho Volúpia, de fabricação de cachaça e do templo da Igreja Matriz.

Essa proposta encontra uma formatação especial também no mês de agosto nas atividades culturais denominadas de **Caminhos do Frio** como atrativo para geração de emprego e renda durante uma semana de festividades que envolvem as cidades de Alagoa Nova, Areia, Serraria, Pilões, Solânea, Bananeiras e Borborema.



Imagem 3. Configuração da página principal do site de divulgação dos Caminhos do Frio com os atrativos turísticos do brejo paraibano. Fonte: www.brejoparaibano.com.br

No mês de fevereiro acontece a **Vaquejada no Parque Santa Terezinha** que há mais de uma década se estabeleceu como momento de lazer e entretenimento para os alagoagrandenses e centenas de turistas de cidades vizinhas e de outros estados que participam do evento, geralmente ocorre em meio a shows musicais, derrubadas de bois, barracas de comidas e bebidas e a atração principal é o grande espetáculo da queima de fogos de artifício no encerramento da festa.

1.5 O Sapo Canta Na Lagoa: Ao Som da Memória de Jackson do Pandeiro

Durante os anos de 1990, durante o mês de agosto, tanto nas escolas e nos eventos folclóricos do município de Alagoa Grande-PB eram embalados pelas músicas e pela biografia de Jackson do Pandeiro, na ocasião era (re)lembrado como um personagem que representa a musicalidade alagoagrandense e nesse sentido, “filho de Alagoa Grande” nacionalmente conhecido pela sua genialidade musical.

No entanto, ao final das comemorações Jackson permanecia distante da população e a preocupação de criar um vínculo maior com a cidade em que ele nasceu não se constituía objetivo nem dos moradores de Alagoa Grande nem do governo municipal.

Somente, há doze anos a Prefeitura Municipal de Alagoa Grande através da secretaria de Educação e Cultura sistematizou uma semana para divulgar a memória de Jackson do Pandeiro na cidade, o que representou numa ação que envolveu as escolas municipais na tentativa de aproximar o cantor com a “terra natal”. Dessa forma, foi lançada a ideia para a construção de vários elementos de caráter memorialista: um Memorial com o acervo musical e iconográfico do artista, uma praça e um busto em frente ao Teatro Municipal.

Das ideias anunciadas em 1999 nenhuma delas se concretizaram e o artista continuou sendo lembrado em iniciativas esporádicas nas festas patrocinadas pela prefeitura. Somente no de 2008 é que houve um grande investimento por parte do Governo Federal em parceria com o governo municipal na concretização do projeto anunciado na década passada.

Sendo assim, foi construído o memorial em sua homenagem - Memorial Jackson do Pandeiro e o Portal em forma de pandeiro na BR-079, na entrada da cidade, no sentido chegando da capital. Essas iniciativas fizeram a cidade ser incluída no roteiro turístico da PB-TUR ao incluir a visitação ao Memorial Jackson do Pandeiro garantindo a afirmativa escrita no seu Portal: **“ALAGOA GRANDE: TERRA DE JACKSON DO PANDEIRO.”**

O museu abriga uma diversidade de objetos pessoais, discografia, vestuário, fotografias, anotações de composições de canções, o violão autografado pelo presidente Juscelino Kubitschek, a exibição de documentários que retratam a vida do homenageado e na parte externa do museu ao lado de um imenso painel com a fotografia de Jackson, uma cripta abriga os restos mortais do cantor trazidos do cemitério do Caju no Rio de Janeiro para compor os atrativos turísticos em Alagoa Grande-PB.

Outra demonstração musical eram as bandinhas de pífano (dois pífanos, um zabumba, uma caixa, dois pratos metálicos e um triângulo) uma de Caiana de Crioulos e a outra do sítio Vertentes, que nos anos de 1950 se apresentavam nas festas de padroeira, nos comícios políticos e nas manifestações folclóricas, entretanto, a tradição não continuou porque os mestres tocadores foram morrendo e as bandinhas se desfizeram deixando saudades nos mais antigos.

Dessa forma, esse olhar sobre Alagoa Grande nos permitiu compreender a sociabilidade que ela carrega traduzida nos seus atores, nas relações sociais, nos ritos e festas, nos comportamentos e hábitos, que marcam através do tempo as transformações naquele espaço. A lagoa que habitou os Bultrins já não pode ser mais observada nas mesmas condições do século XVI, nem tão pouco no século XVIII quando em suas margens se instalaram as fazendas de gado e menos ainda o apito do trem se aproximando da estação lotada de passageiros. Porém as imagens que se acumulam a partir do nosso olhar e da imaginação reforça o a ideia de que a partir das “cidades visíveis, sensíveis e imaginárias” descortinam para o historiador um panorama fascinante de rastros do seu passado.

1.6 REFERÊNCIAS

- CAMINHOS DO FRIO. Disponível em www.brejoparaibano.com.br, acesso em 22 de setembro de 2012.
- CAPELLO, Denise Antonucci & GARCIA, Marília Fontana. Vila Economizadora: A memória urbana preservada. In: **Espaços e Debates – Revista de Estudos Regionais e Urbanos**. Ano I, Nº 04 – dezembro de 1981. São Paulo: Cortez, 1981.
- FREIRE, José Avelar. **Alagoa Grande: Sua História**. João Pessoa: Idéia, 1998; _____ . **Alagoa Grande, sua história de 1625 a 2000**. João Pessoa: A União, 2002.
- HERCKMANS, Elias. **Descrição Geral da Capitania da Paraíba [1639]**. In: Recife, RIAHGPE, n ° 31 p. 239-288, 1886.
- LIVRO DE TOMBOS da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Alagoa grande. 1861.

- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª ed. São Paulo: Unicamp, 2003;
- MELLO, José Octávio Arruda. **História da Paraíba: Lutas e Resistências**. João Pessoa: A UNIÃO, 1994;
- MOURA Fernando; VICENTE, Antônio. **Jackson do Pandeiro: o rei do ritmo**. São Paulo, Editora 34, 2001.
- NASCIMENTO, George Silva do. **Histori(cidade): as tensões sociais e o cotidiano de Alagoa Grande-PB em 1922**. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira: 2007.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 27, n. 53, Jun 2007.
- PINTO, Valderli Evangelista. **Mudanças litúrgicas: o concílio Vaticano II e o cotidiano da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, década de 1960, Alagoa Grande-PB**. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira: 2008.
- SANTOS, Juvandi de Souza. **Paraíba: da Pré-História ao Início da Colonização**. Campina Grande: JRC, 2006.
- VÁRIOS AUTORES. **A Paraíba no império e na república**. Estudos de história social e cultural. 2ª ed. João Pessoa: Idéia, 2005.



UMA HISTÓRIA DE BOQUEIRÃO

CAPÍTULO 2



HINO DE BOQUEIRÃO

Boqueirão está feliz
Por amor aos filhos seus
Tem uma linda bandeira
Que o povo concebeu.

Avante cidade
Para o futuro que há de vir
Boqueirão a cidade das águas
Princesa do Cariri

Antonio de Oliveira Lêdo
A pedra fundamental lançou
Deixou toda felicidade
Em nossas vidas uma estrela brilhou.

Foi numa manhã,
Ao resplandecer d'aurora
Caturité despertou
Boqueirão se encheu de glória.

Um grande manancial,
Que há muito nos alimenta
O açude Eptácio Pessoa
Obra de grande valor.

O índio carnoio falou
Deixando em nossa memória
Boqueirão desenvolveu
Então começou nossa história.

Seu nome virou tradição,
Um sonho que floresceu
Nas margens do Paraíba,
Onde acidade nasceu.

Brilha o sol da manhã,
Como raios resplandecentes
Somos filhos do Brasil
Nossa Pátria, nossa gente.

Somos amigos de fé
Com amor no coração.
Salve a nossa bandeira,
Salve Boqueirão.

O índio carnoio falou
Deixando em nossa memória.
Boqueirão desenvolveu.
Então começou nossa história.

Seu nome virou tradição,
Um sonho que floresceu
Nas margens do Paraíba
Onde a cidade nasceu.

BOQUEIRÃO

A CIDADE DAS ÁGUAS

Valdirene Pereira de Sousa

Prof. ^a Ms. em História pela UFCG

Roberta Lopes de Oliveira Brito

Prof. ^a Esp. em História do Brasil e da Paraíba pela FIP

Jefesson Franciary Farias de Andrade

Prof. Graduado em História pela UFCG

*“Venha conhecer a cidade das águas, venha ver
de perto meu Boqueirão, é um paraíso cheio de beleza, é
um pedacinho de céu plantado no chão”*

(Silvio de Boqueirão)¹

2.1 Primeiras Palavras

A discussão que se segue ao longo do texto é proveniente de uma pesquisa e reflexão promovida pelos autores sobre os sentidos múltiplos e possíveis lançados sobre a cidade de Boqueirão, por meio dos lugares, das pessoas e das lembranças que se movem em torno da história que ela própria produz e percebe. Com o intuito de incentivarmos a disseminação e a valorização da história do nosso município nos debruçamos sobre esses sentidos e procuramos pensar a cidade como um texto, um texto que está sendo lido para além do visível, do imediato, do sensível e do perceptível, que ultrapassa os sentidos primeiros, que apresenta significados ocultos, silêncios e esquecimentos em sua trama.

1. Artista e cantor popular da cidade de Boqueirão, s/r

Ao lançar um olhar sobre a nossa aclamada cidade das águas tivemos a intenção de apresentá-la como um lugar de múltiplas intervenções “O lugar onde enterramos os nossos mortos e ao seu redor decidimos ficar; onde construímos o abrigo que, ao lado de outros abrigos protege-se e nos protege; lugar do encontro com o outro [...]” (Deusdedith Junior, 2003). Convidamos, portanto, a todos que tenham interesse nesse lugar de significações múltiplas, a (re)descobrir os sentidos possíveis presentes na história da cidade das águas.

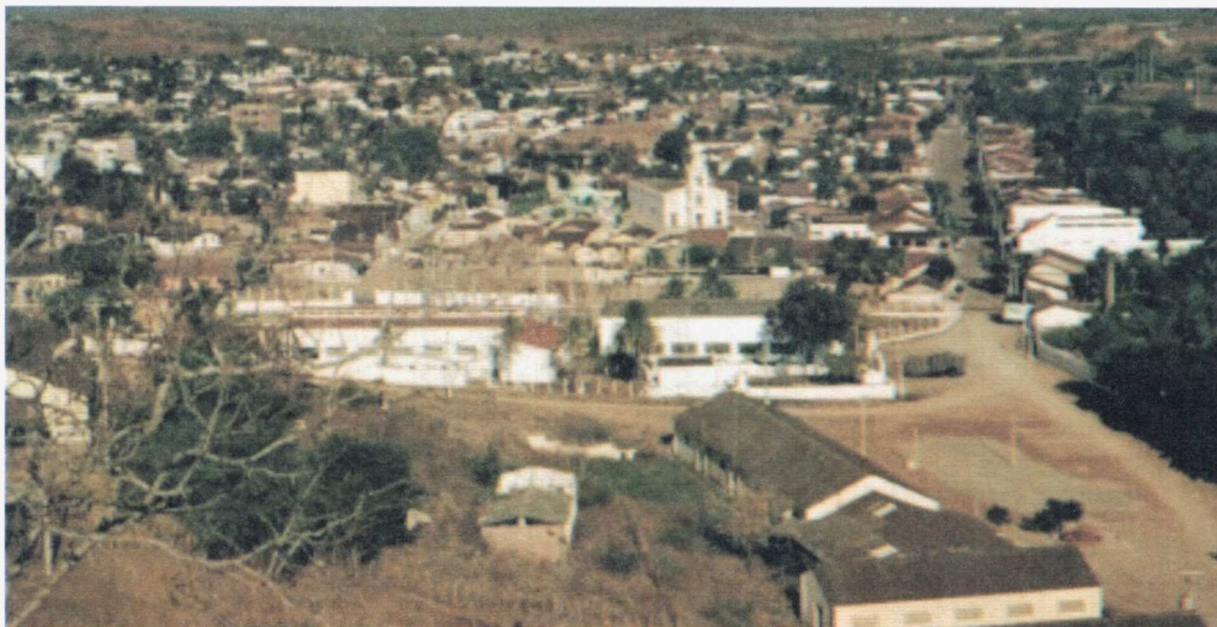


Imagem 4. Cidade de Boqueirão

2.2 Localização e Limites Geográficos de Boqueirão

Boqueirão está situada geograficamente na Mesorregião do Planalto da Borborema e na Microrregião do Cariri Oriental paraibano. Possui uma área de 424.646 Km², limita-se ao Norte com Campina Grande; ao Sul com Riacho de Santo Antonio e Barra de São Miguel; ao Leste com Barra de Santana e Caturité; ao Oeste com Cabaceiras. O clima é o semi-árido e a vegetação é característica da Caatinga.

Localiza-se a uma distância de 44 km da cidade de Campina Grande. Tendo na PB 148 sua principal rodovia. Em se tratando da sociedade de Boqueirão segundo o Censo Demográfico de 2011 realizado pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, esse município possui uma população aproximada de 16.966 habitantes. Cerca de 30% da população boqueirãoense encontra-se situada na sua zona rural e 70% na zona urbana.

2.3 O Processo de Formação Histórica do Território de Boqueirão - PB.

A formação do território boqueirãoense se inicia durante o período colonial brasileiro com a entrada dos bandeirantes pelo interior paraibano com vistas à captura de índios refugiados e à conquista de novas terras para o desenvolvimento da atividade pecuária. Nesse contexto, durante os anos de 1670 a 1730 um grupo de bandeirantes liderados pela família Oliveira Ledo e do seu patriarca Antonio de Oliveira Ledo, realizaram várias expedições pelo território paraibano. Após uma dessas expedições eles passaram a se fixar neste território implantando assim um curral de gado que originaria, posteriormente, a cidade de Boqueirão.

Os membros da família Oliveira Ledo foram os primeiros colonizadores do Cariri Oriental paraibano, tendo chegado a principio em Cabaceiras ainda durante meados do século XVIII, passando posteriormente a se fixar no território conhecido atualmente como Boqueirão. No tocante à chegada e ao acampamento dos Oliveira Ledo nos narra JOFFILY, 1892, p. 32-33:

Com o auxílio do governo, formavam-se duas fortes bandeiras e partiram à conquista do sertão. [...] o capitão-mor Theodósio de Oliveira Ledo, comandante de uma delas, chegando à missão do Pilar, teria seguido sua viagem acompanhando o rio Paraíba até o boqueirão da serra do Carnoyó, onde fez demorado acampamento, fundamento da atual povoação de igual nome; se ela já não estivesse fundada [...].



Imagem 5 Desenho a lápis de Vanderley de Brito retratando o antigo arraial do boqueirão de Carnoió (2011).

Um dos principais fatores que induziram esses colonizadores a se instalar no território de Boqueirão deveu-se ao aspecto geográfico dessa área, visto que se encontrava ali uma das vertentes do Rio Paraíba, e isso possibilitava aos bandeirantes a implantação da atividade pecuária. Segundo Melo (1994): “Seguindo o Rio Paraíba a bandeira da família Oliveira Ledo, deparou-se com a Serra de Carnoió com o boqueirão, local ideal para a criação do gado bovino.” Brito (2011, p.55) também nos oferta uma descrição detalhada da chegada dos Oliveira Ledo: Os Oliveira Ledo traziam junto a si um grupo de índios mateiros da nação Cariri-Dzubucua, provenientes das aldeias do São Francisco, como era praxe entre os sertanistas da Bahia, e estes, ao verem o imponente boqueirão abrindo passagem para o desconhecido, disseram admirados em sua língua: - có nio idió!, que quer dizer: abertura de fazer-se entrar. [...] Com a chegada do missionário Teodoro de Lucé, por volta de 1670, o curral se transformou em missão de catequese destes nativos e o topônimo Coniodió, na medida em que a língua nativa no lugar foi se misturando aos sotaques bilíngües dos colonos portugueses, foi perdendo o sentido textual, adulterando gradativamente para “cornayó”, “carnaiô” e por fim se toponimizou “carnoió”, perecendo, assim, a primitiva significação de acidente geográfico que trazia na língua cariri.

Após a fundação da Aldeia de Carnoió, que se tornou o primeiro núcleo constituído por casas de brancos naquela região, espaço até então habitado por índios Sucurus³, o fundador da aldeia, Antonio de Oliveira Ledo começou a construir currais para a prática da criação de gado bovino, ação que se desenvolveu sob inúmeros embates violentos implementados com os índios nativos da região.

Os colonizadores, na sua tentativa de estabelecer um domínio dos campos agrícolas e de criação de gado, tentaram, de todas as formas, eliminar as nações tapuias, que se localizavam em todos os sertões do Nordeste. Através da catequização e das chamadas ‘guerras justas’, a escravidão e o massacre demonstraram que o europeu não estava preocupado em procurar conviver pacificamente com os processos culturais dos povos que viviam no interior. Estabelecer os núcleos de povoamento, na maioria das vezes, significava deslocar as populações indígenas localizadas nas proximidades dos rios e isto era estabelecer conflitos com estes tapuias. (KARASCH, 2008)

A resistência dos índios Tapuias à ação dos colonizadores foi latente e desencadeou violentos massacres⁴, os quais, na maioria das vezes, eram desiguais e desfavoreciam os índios, levando-os, por conseguinte, a serem em grande parte exterminados. Acerca desses episódios nos relata KARASCH (2008): “Depois das batalhas, os prisioneiros mais fortes eram exterminados a ferro frio, as mulheres e as crianças eram escravizadas e enviadas para as fazendas para indenizar os proprietários de terra dos custos da ‘guerra justa’”.

Ainda durante o período da colonização, a Vila de Carnoió, atual Boqueirão, se desenvolveu subordinada a Cabaceiras e essa subordinação advinha, portanto, da inexistência naquela vila de atividades econômicas expressivas, pois sua base econômica era pautada apenas na atividade criatória, associada ao cultivo de alguns gêneros alimentícios cultivados em pequenas e esparsas propriedades.

Dessa forma, podemos aferir que até à década de 1940, a Vila de Carnoió contava com uma simples estrutura territorial, sendo a mesma constituída apenas por uma rua principal situada às margens do Rio Paraíba e que recebeu o nome do seu fundador: Antônio de Oliveira Ledo. Além dessa rua principal existiam outras poucas ruas menores situadas no entorno da Igreja Matriz onde também se encontrava um inexpressivo comércio local de gêneros primários.

O grande fato possibilitador do desenvolvimento da cidade de Boqueirão em vários aspectos e principalmente na sua estrutura socioeconômica foi a construção do açude Epitácio Pessoa⁵ iniciada em 1951. Esse projeto de construção foi fruto de uma política de construção de açudes no Nordeste que objetivava amenizar o problema de abastecimento de água nas zonas do semiárido desse complexo regional, mas se destinava à geração de energia e à irrigação, conforme assinala Brito (2008, p. 73)



Imagem 6. Construção do açude Epitácio Pessoa

O açude Epitácio Pessoa foi construído a princípio com o objetivo de usos múltiplos que, naquele momento, eram: geração de energia [...] e irrigação. Já no ano seguinte à sua inauguração, em função de uma crise de abastecimento em Campina Grande, foi construída a primeira adutora para atender o abastecimento urbano daquela cidade. Este fato já preconiza um futuro de conflitos e levanta dúvidas sobre qual a real intenção da construção do açude.

A construção do açude era planejada desde o século XIX com vistas a solucionar problema do abastecimento de água de Campina Grande que enfrentava um colapso hídrico, uma vez que o volume de água do açude de Vaca Brava não atendia mais a demanda populacional da cidade de Campina Grande entre os anos de 1940-50. Nesse contexto, a burguesia campinense aliada aos líderes da Igreja Católica realizaram em Campina Grande o I Encontro de Bispos do Nordeste e a partir desse evento foi redigido um documento que solicitava ao presidente Getúlio Vargas uma solução para o abastecimento hídrico dessa cidade. (PRODER, 1997)⁶

O início do projeto remonta aos anos de 1948, com o levantamento topográfico da bacia hidráulica do açude de Boqueirão, sob a responsabilidade do DNOCS⁷. Na elaboração do projeto feito pelo DNOCS, havia a menção da construção de um túnel com duas saídas, uma para transportar água para Campina Grande e outra para o rio Paraíba, para ser perenizado com vistas a atender várias localidades que utilizavam as águas do rio para o abastecimento de água, como Barra de Santana, Itabaiana e Cruz do Espírito Santo (REGO, 2001).

Em 1954 temos um decreto emitido por Getúlio Vargas que fala sobre a desapropriação das terras que seriam ocupadas pelo açude. (DNOCS, 2006)

Art.1º. – Fica declarada de utilidade pública, para efeito de desapropriação pelo departamento Nacional de Obras Contra as Secas, área de terrenos com noventa e três milhões de metros quadrados, representada na planta que com este baixa, devidamente rubricada, necessária à construção de Açude Público, “Boqueirão” no Município de Cabaceiras, Estado da Paraíba. (Decreto n.º 35.549- de 24 de Maio de 1954).

Mas conforme destaca Oliveira (2007) fundamentado em Rego (2001) nem todas as áreas foram desapropriadas.

Os proprietários das terras inundadas com as águas represadas que tinham influência política e econômica na vila foram indenizados pelo governo Federal, enquanto os demais foram expulsos ou se proletarizaram, o que evidenciava o fato de que a construção do açude tinha como objetivo abastecer a cidade de Campina Grande e não beneficiar a população local (REGO, 2001).(Oliveira, 2007, p. 34)

A construção do açude durou cinco anos e a sua inauguração ocorreu durante o governo de Juscelino Kubitschek, em 16 de janeiro de 1957 e culminou em um evento grandioso que durou três dias e contou com a presença de muitas autoridades políticas do Brasil, dentre as quais, o Ministro de Aviação e Obras Públicas, Comandante Lúcio

Meira, o diretor do DNOCS, Engenheiro José Cândido Parente Pessoa e o então presidente da República Juscelino Kubitschek. Segundo relatos dos moradores que vivenciaram a inauguração, a presença de tais autoridades causou muito alvoroço entre as pessoas presentes na solenidade de inauguração.

Com o desenvolvimento da vila, proporcionada pela construção do açude e sua projeção em âmbito local e regional, os habitantes reivindicaram aos órgãos competentes a sua emancipação política da cidade de Cabaceiras, fato ocorrido em 30 de abril de 1959, pela Lei estadual nº. 2.078 de 30.04.59, tendo a instalação da sede do município se realizando em 30 de novembro do mesmo ano. De acordo com o historiador Paulo da Mata Monteiro há pesquisas recentes que atestam que após a emancipação a cidade passou a se chamar Carnoió e apenas em 1961 é que uma nova lei modifica o nome da Cidade de Carnoió para Cidade de Boqueirão⁸.

2.4 Aspectos da Economia Boqueiraõense

Além das transformações sociais e culturais proporcionadas pela construção do açude, o setor econômico apresentou índices crescentes com o segmento agropecuário, através do represamento das águas do rio Paraíba, houve um forte desenvolvimento da atividade agrícola irrigada no município. (Oliveira, 2007)

Contudo, o desenvolvimento da atividade agrícola no município é anterior à construção do açude, remonta à chegada dos Oliveira Lêdo ao Sertão. Estes não desenvolveram a agricultura como atividade principal, mas a desenvolveram para auto-consumo em pequenas áreas perto dos currais tanto devido à distância da Vila ao litoral quanto ao alto preço pelos quais os gêneros alimentícios eram vendidos (MELO, 1994).

Atualmente a agricultura, especificamente a agricultura familiar, abarca cerca de 60% da economia do município, tendo aproximadamente 800 famílias trabalhando nessa atividade.

A partir de 1960 os principais produtos cultivados foram tomate, pimentão, feijão, repolho, milho, banana entre outros. A agricultura de auto-consumo foi, aos poucos, sendo substituída por uma agricultura comercial, destinada ao fornecimento de produtos agrícolas ao mercado de Boqueirão e de outras cidades vizinhas, transformando assim a economia agrícola local (DANTAS, 1995). [...] Entre 1970-1980 o tomate cultivado em torno do açude de Boqueirão era a cultura de maior relevância, por possibilitar ao agricultor um grande retorno econômico, fato que continua ocorrendo ainda nos dias atuais. (Oliveira, 2007, p.42-46)

A produção rural do município também é bastante representativa, pois Boqueirão tem uma produção de leite diária de aproximadamente 20 mil litros, destinados em sua grande maioria a atender o programa “Fome Zero” do Governo Federal. O município tem um rebanho de cerca de 8.000 cabeças de gado bovino, 6.800 de caprinos e 2.100 de ovinos. Tem também uma área de palma forrageira de aproximadamente 4.000 ha, 300 ha de capim sorgo, dentre outros. (fonte: EMATER local). Concomitantes à pecuária de leite subsistem os pequenos produtores que cultivam uma agricultura de subsistência de milho, feijão, fava e milho sorgo para ração animal.

Outro aspecto econômico de grande relevância no município é a produção de tapetes, herança da produção de redes que dominou a economia local até a década de 1980. A respeito desse assunto temos um texto desenvolvido em forma de cordel, produzida pelo historiador Paulo da Mata Monteiro, que nos fala sobre a origem da produção das redes, a difusão para outros estados e a sua decadência:

*Todas as redes daqui
têm histórias bonitas,
são lindas, maravilhosas,
remotam dos jesuitas,[...]*

*A nossa rede em São Paulo,
lá na Terra da garoa ,
foi chegando aos pouquinhos,
para aquela gente boa[...]*

*“De João Pessoa a Natal.
De Recife a Fortaleza.
A rede daqui vendida,
com rapidez e presteza,[...]*

*Mas infelizmente houve
um tempo de decadência.
No fim dos anos oitenta
faltou mais experiência[...]*⁹

O turismo é outro ponto forte da economia atualmente. Várias manifestações culturais como o Motocross, Fest Verão, Enduro no distrito do Marinho, trilhas ecológicas, práticas de lazer desenvolvidas em torno do próprio açude, entre outras, têm promovido um aquecimento no setor turístico e movimentado a economia da cidade.

2.5 Aspectos políticos

Com a emancipação política de Boqueirão da cidade de Cabaceiras, aquela inicia a sua vida política de forma autônoma, marcada por uma característica que se estende de 1959 até 1988: o coronelismo. Segundo a historiografia brasileira tradicional, o coronelismo havia sido encerrado em 1930 com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, mas contrariando o que diz a vertente tradicional historiográfica, muitos aspectos dessa forma de política mantiveram-se em diversos lugares onde existiam chefes políticos comandando a cidade sob o viés do assistencialismo e do clientelismo, os ditos coronéis.

Essa característica política se presentificou também em Boqueirão entre sua emancipação política e o ano de 1889. À medida que adentramos na história política do nosso município constatamos que todos os prefeitos eleitos durante o período supracitado eram indicados pelo fazendeiro boqueirãoense Ernesto Heráclio do Rêgo (Seu Ernesto), ou o próprio era eleito para a administração municipal.

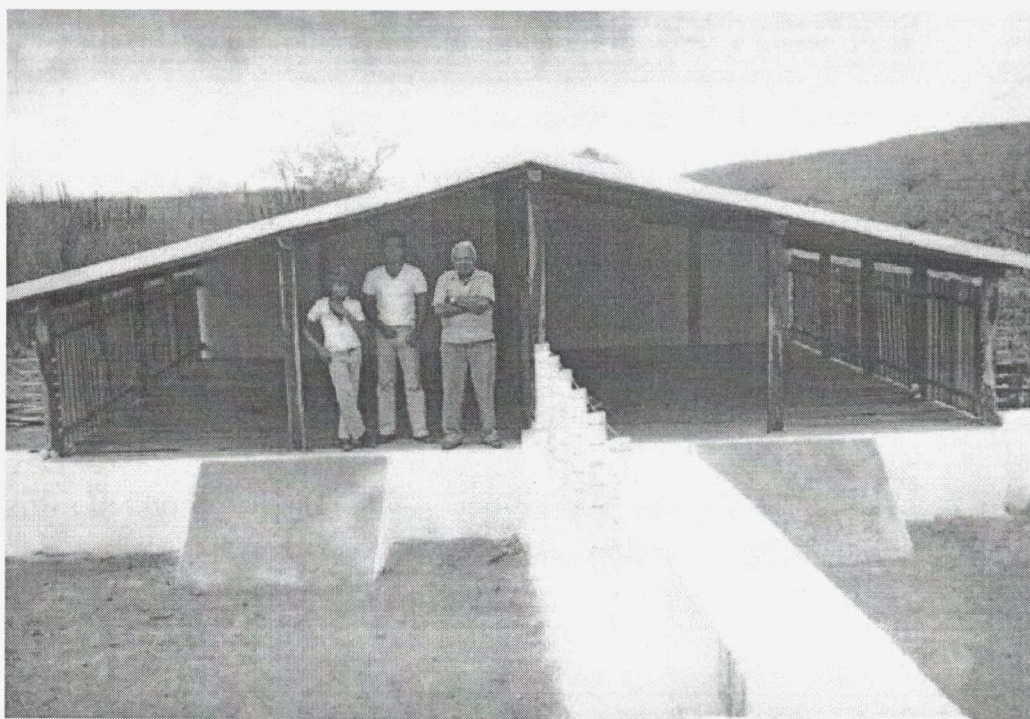


Imagem 7. Ernesto Heráclio do Rêgo em um curral

A figura de Ernesto Heráclio do Rêgo ingressa na política em 1943, quando Boqueirão ainda pertencia à comarca de Cabaceiras. Este personagem deu início a uma carreira política que durou quarenta e dois anos, sendo eleito em cinco legislaturas, duas em Cabaceiras e três em Boqueirão, se tornando também deputado estadual por um mandato, além de eleger seu filho para três mandatos de deputado estadual, e outros candidatos a prefeito de Boqueirão. (Rego, 2005)

Além de seu Ernesto (nome pelo qual era conhecido popularmente), dois outros nomes merecem destaque no cenário político administrativo boqueirãoense: Carlos Marques Dunga e João Paulo Barbosa Leal, pois esses, de forma direta ou por meio de pessoas indicadas, passaram a liderar a política partidária do município.

Carlos Dunga, ou professor Carlos, foi secretário, vice-prefeito e prefeito indicado por Ernesto Heráclio do Rego, e, após ocupar esses cargos municipais, ganhou eleições para deputado estadual e federal. João Paulo Barbosa Leal foi eleito vereador e prefeito de Boqueirão, além de deputado estadual, foi o primeiro opositor a vencer o candidato Ernesto Heráclio do Rego em uma campanha na Cidade das Águas, passando a ser o líder do segundo grupo político a constar em todas as disputas para a prefeitura municipal a partir de 1988.

2.6 spectos Religiosos

Em consonância com a cultura religiosa das demais cidades brasileiras, o cristianismo é a prática religiosa predominante em Boqueirão desde o seu processo colonizador. Dois anos após a emancipação política, em 30 de Abril de 1959, houve também a “emancipação religiosa” em relação à Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e São Bento, de Cabaceiras. O ato fundador da nova paróquia Nossa Senhora do Desterro aconteceu em 07 de agosto de 1961 pelo segundo bispo da Diocese de Campina Grande, o Excelentíssimo Senhor, Dom Otávio Aguiar, por meio do decreto nº02 datado de 07 de agosto.

O bispo e sua comitiva foram recepcionados em Boqueirão pelo professor Enoque Ricardo de Araújo. Dentre as autoridades presentes estavam o então Vigário da Paróquia de Cabaceiras, Padre Antônio Palmeira, os Cônegos Oscar Cavalcante, Vigário de Queimadas, Cristóvão Ribeiro Tomás, Vigário da Paróquia do Rosário em Campina Grande, o prefeito da cidade João Hermínio, o vereador Manuel Barbosa de Lucena, como também o representante do prefeito de Campina Grande, o Sr. Artur Vilarim e grande multidão de fiéis como consta na ata de fundação da mesma.

Desde a fundação os padres que por esta paróquia passaram deixaram sua contribuição na formação religiosa como também na questão social, como o Padre Antônio Palmeira que fundou a Escola Padre Inácio. Além desta questão social, faz parte da memória cidadina as festas dos padroeiros, além da padroeira que é festejada no mês de Janeiro, há as festividades do co-padroeiro São Bento no mês de agosto, sendo que tais festas não são conhecidas popularmente pelo nome dos santos, mas sim como “festa de Janeiro” e “festa de Agosto”. Tais festividades além das celebrações religiosas do ofício, Missas, procissões, contam também com o pavilhão em que as famílias tradicionalmente se reúnem na Praça da Igreja para ouvir os shows, dançar,

paquerar, desfilarem com os lançamentos da moda, assistir aos leilões dos frangos, participar de bingos e brincar nos parques.

Além desta presença Católica, destacamos a presença de outras denominações religiosas cristãs como a Assembleia de Deus, a Igreja Batista e a Igreja Adventista do Sétimo Dia como sendo as mais expressivas no que diz respeito à quantidade de fiéis.

Todavia, a religiosidade dos boqueirãoenses vai além das religiões institucionalizadas, na medida em que recorrer às rezadeiras para rezar contra o “mau olhado”, por exemplo, dentre outros motivos, faziam e ainda fazem parte do cotidiano das pessoas. Há, portanto, uma forte crença popular nas rezas proferidas pelas benzedadeiras.

2.7 Práticas de lazer na cidade das águas

Conforme supracitado anteriormente, o desenvolvimento econômico, social e cultural da cidade de Boqueirão se tornou possível devido à construção do açude Epitácio Pessoa, que possibilitou a emergência de várias manifestações culturais assim como a (re)apropriação do seu entorno para fins recreativos.



Imagem 8. Banhistas no Túnel em Boqueirão

Desde o início da construção do açude Epitácio Pessoa, a cidade de Boqueirão passou a ser um ponto de convergência de milhares de operários e técnicos que vinham das mais variadas partes do país, o que quebrou com a rotina da pacata Vila de Carnoió. Grande parte desses operários passou a se fixar por definitivo nesse território, fator que contribuiu consideravelmente para o aumento da população local e por conseguinte, do desenvolvimento econômico e cultural da cidade.

A tranqüilidade da Vila foi quebrada, os moradores passaram a conviver com novos costumes, linguagens e horários, fatos que provocaram mudanças no seu dia-a-dia. Aumentava a população da vila, conseqüentemente formavam-se novas ruas, desenvolvia-se o comércio e novas profissões passaram a surgir, de acordo com as necessidades dos operários da obra, dando à Vila um aspecto urbano (OLIVEIRA, 2006: p. 51)

Após a inauguração do açude foi aberta uma comporta de descarga, um túnel para escoar a água do açude no período das enchentes, além dos sangradouros já construídos para esse fim. Todavia, os usos dos espaços são múltiplos e passíveis de serem resignificados por sentidos outros, nessa perspectiva o túnel se transformou em um espaço de diversão e lazer atrativo para várias pessoas que vinham das cidades circunvizinhas, da capital e até de outros estados conforme nos relata uma moradora local:

O túnel era bom demais, vinha gente de tudo que é canto, de Campina, João Pessoa, até Recife, era ônibus e mais ônibus chegando no domingo, parecia que todo domingo era carnaval, lá as pessoas iam namorar, tomar banho, escutar música, beber, era bom demais¹⁰.

Além das práticas de lazer desenvolvidas às margens do açude, outras práticas culturais começavam a se redesenhar a partir dos anos 1970, como é o caso do Cine Art, cinema que funcionou como espaço de encontro e sociabilidade durante a década de 70 na cidade. As descrições do poeta e cordelista Dunga Júnior descrevem minuciosamente as lembranças e expectativas em torno desse espaço de lazer:

Seu Osvaldo desfilava por toda a cidade de Boqueirão com seu automóvel, com o cartaz pregado na porta traseira convidando para o lançamento de “Coração de Luto”, estrelado por Teixeira e Maré Terezinha,[...]. Na portaria do cinema você era recepcionado pelo casal fantástico Zé do rolete e Graça, que vendia confeitos e roletes de cana,[...]. Seu Osvaldo, antes de iniciar, despertava sinais sonoros com uma sirene tão aguda e forte que toda a cidade escutava.[...] Seu Osvaldo ordenava: “Apaga as luzes, Maciel”. Era a hora de começar a sessão e daí se acendiam umas luzes coloridas, em vasos internos. [...] eram momentos de concentração para o início da exibição do filme. S. Osvaldo saía lá da máquina, vinha na frente e ameaçava que se não se comportassem, ele cancelaria a exibição.

Além da movimentação cultural promovida pelo cinema tínhamos presente outras manifestações de sociabilidade que marcaram muito os idos dos anos 1970, 1980 e 1990. Eram as boates que embalavam as tardes e noites dos jovens boqueiraoenses. Muitas paqueras e namoros começaram e/ou foram desfeitos aos sons dos clássicos nacionais e internacionais que marcaram época e possibilitaram aos mais tímidos a aproximação e o contato com as possíveis paqueras, “[...] quantos amores construídos e desfeitos, quantas lágrimas choradas pelas traições ali declaradas, casamentos planejados e muito cheiro de amor na hora da música lenta.” (Dunga Júnior). Uma dessas boates era o Passe e Fica, mix de discoteca e bar, que movimentava a vida cultural da cidade e contava com um público fiel de várias localidades vizinhas que aos sábados e domingos marcavam presença nas esperadas matinês. Muitas bandas locais começaram tocando nesse espaço, além de bandas que estavam no auge, banda Magia, Diomedes, banda Teclas, Impacto, Sayonara, os Três do Nordeste transformavam o ambiente em um espaço de muita alegria e descontração.

Zé Cosme também foi um lugar de destaque para as noites dançantes boqueiraoenses, antigo casarão que possibilitava aos frequentadores curtir a musicalidade de vários expoentes da música nordestina. Não poderíamos esquecer de outra boate que embalou mais a geração dos anos 1990, a calorosa Destak, espaço dividido por dois ambientes que ofereciam alternativas para as várias gerações, no ambiente superior da Destak, aconteciam muitas serestas, bailes de debutantes e baile dos namorados e no espaço discoteca os jovens dançavam ao som lançados pelos Djs. Espaços de lazer prevaletentes naquela época, sociabilidades que não existem mais, pois cederam espaço para outras formas de manifestação cultural.

Mais recentemente podemos destacar duas grandes manifestações culturais que mobilizam toda a comunidade boqueirãoense. O Balaio Cultural, evento iniciado no ano de 2006, grande divulgador e fomentador da produção local e regional que se popularizou pela diversidade de atividades que contemplam vários segmentos como dança, cultura popular, música, poesia, teatro, cinema, exposições, palestras, debates, cursos, oficinas, intercâmbio entre artistas e seminário avançado de arte e cultura. Esse evento anual é uma ação promovida pelo Centro de Formação Artística de Boqueirão – CEFAR - e a Prefeitura Municipal de Boqueirão através da Secretaria Municipal de Cultura em parceria com o Governo do Estado da Paraíba, SEBRAE e desde 2009 com a Associação Boqueirãoense de Escritores – ABES. O objetivo do Balaio Cultural de Boqueirão segundo os organizadores do evento “[...] é criar um ambiente propício para o fomento da produção local, territorial (Cariri) e brasileira, aliado ao desejo de ver a arte como ‘o exercício experimental da liberdade’”.¹¹

Outra proposta bem ousada pensada pelas escritoras Mirtes Waleska Sulpino e Jane Luís Gomes em conjunto com outros membros da ABES tem provocado nos cidadãos o gosto pela literatura local, paraibana e pelos grandes clássicos com vistas

à promover a integração social e a formar uma sociedade mais consciente pelo prazer da leitura. A FLIBO- Feira Literária de Boqueirão-, destaque como forte manifestação cultural na cidade, teve início a partir de saraus poéticos e dos concursos literários promovidos pela ABES em 2009 com o apoio da Secretaria de Cultura do município. Desde a primeira edição em Março de 2010 conta com a participação da UEPB, de professores da UFCG, que apoiam o evento e fortalecem o projeto, e de vários autores importantes no meio literário, além de outros artistas de renome nacional como Jessier Quirino, Geraldo Azevedo, Renata Arruda, entre outros. Esse evento vem homenageando ao longo de suas edições vários escritores e poetas de grande valor cultural como o poeta Ronaldo Cunha Lima, os escritores Ariano Suassuna e Lourdes Ramalho, entre outros que virão nas próximas edições.

Mas, as possibilidades de lazer, as possibilidades culturais não se encerram por aqui, elas são renovadas e (re)significadas cotidianamente pelos sujeitos praticantes do espaço citadino, pelos fluxos experienciais daqueles que andam pela cidade, com os pés, com os olhos, com a memória, aqueles que se reconhecem pertencentes à cidade de Boqueirão .

2.8 Considerações Finais

A investigação dos múltiplos sentidos e significações em torno e dentro da cidade nos conduziu a um desejo de vê-la à distância, de ver de fora o território a que pertence a cidade. Nesse viés de análise, colocamos em perspectiva os olhares sobre a cidade das águas, que ora se apresentaram em forma de discursos ora em forma de memórias, e possibilitamos uma reflexão sobre o sentido fundante fazendo uma travessia histórica nas dimensões temporais apresentadas pelo texto cidade sob vários olhares, sob vários aspectos, tais como políticos, econômicos, religiosos e culturais, na tentativa de atrairmos os leitores a se aventurarem nas possibilidades de leitura e de sentidos que a cidade de Boqueirão produz e oferece.

Para além de sujeitos praticantes dos espaços, nos colocamos como pesquisadores para investigarmos alguns aspectos que marca(ra)m a história da nossa cidade e partilhamos essas reflexões com todos que possuem o mesmo desejo de conhecer e repensar as experiências e histórias boqueirãoenses. Dessa forma, o leitor que se permitiu a compartilhar da inquietações, das buscas de sentidos sobre a nossa querida cidade das águas, percebeu que as possibilidades de significações não se encerraram aqui, elas continuam no cotidiano da nossa cidade, através dos desejos e das ações recriadas pelas inúmeras práticas que marcam o modo de ser e estar na cidade de Boqueirão.

2.9 NOTAS

1 Artista e cantor popular da cidade de Boqueirão.

2 Popularmente pronunciada como vila de Carnoió.

3 De acordo com Wanderley de Brito (2011) “A região do Cariri da Paraíba, ao contrário do que muitos vêm repetindo, não era habitada por tribos cariri quando chegaram os primeiros colonizadores do interior. Na verdade era quase que totalmente desabitada. Somente a região do alto Pajeú e alto Paraíba era ocupada por algumas aldeias de índios Sucuru, que não eram de etnia Cariri, mas sim Tarairiu.[...] Os Cariri só vieram ocupar as terras do Cariri por meio de assentamentos, pois já desde 1660 estavam instalados em missões ao longo do baixo São Francisco pelo padre João Barros e, por serem “índios mansos”, eram recrutados para acompanhar os sertanistas nas expedições de transporte de boiadas e descobrimentos de terras novas.”

4 Esses embates ocorridos nos vários espaços do sertão nordestino ficaram conhecidos historicamente como a Guerra dos Bárbaros ou Confederação dos Cariri. (Mello, 1994).

5 O nome oficial do açude é uma homenagem ao único presidente do país nascido na Paraíba, Epitácio Pessoa. No seu governo, o programa de construção de barragens foi intensificado, através do seu Ministério de Viação e Obras Públicas, cujo ministro era José Pires do Rio.

6 Programa de Emprego e Renda

7 Departamento Nacional de Obras Contra a Seca, responsável pelo desenvolvimento de atividades de aproveitamento hídrico, com ênfase espacial na construção de açudes para abastecimento, piscicultura e irrigação. (Araújo, 1990).

8 O nome Boqueirão vem do fato que o Rio Paraíba faz um grande corte na Serra do Carnoió, formando um “boqueirão”.

9 “É no balanço da rede”, cordel escrito pelo vereador professor/pesquisador e historiador Paulo da Mata, natural de Boqueirão- PB, publicado no ano de 2007.

10 Entrevista concedida por Marlene Pereira Barbosa no dia 22 de Agosto de 2012

11 Pesquisa realizada no site <http://secultboqueiraopb.blogspot.com.br/p/balaio-cultural.html> em 19 de Outubro de 2012.

2. 10 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Horácio de. **História da Paraíba**. Vol. 1. João Pessoa: Editora Universitária/UFPb. 1978.
- BRITO, Franklyn Barbosa de. **O conflito pelo Uso da água do Açude Epitácio Pessoa (Boqueirão-PB)** (Dissertação de Mestrado - UFPB/CCEN). João Pessoa, 2008.
- BRITO, Vandelerley de. **Boqueirão de Carnoió: a Toponímica como Cultura Imaterial de Campina Grande**. Ano II – Vol. 1 - Número 03 – Set/Out de 2011 TARAIRIÚ – Revista eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB.

- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1-Artes de fazer**. Petropolis, RJ: Vozes, 1994.
- DAMASCENO, João. **A dinâmica do espaço urbano e a população da Paraíba**: uma contribuição aos estudos regionais. Campina Grande, 2002
- DEPARTAMENTO DE OBRAS CONTRA SECA (DNOCS). **Documentos referentes à construção do açude Epitácio Pessoa**. Boqueirão, 2006.
- _____ . Relatório anual hídrico do açude Epitácio Pessoa 1998 a 2005. Boqueirão, 2006.
- _____ .Diagnóstico ambiental do açude público Epitácio Pessoa. João Pessoa – PB, 2005.
- _____ .Informações adquiridas através do diretor do posto de operações. Boqueirão, 2006.
- _____ .Relatório hídrico do açude Epitácio Pessoa 2006 a 2007, Boqueirão, 2006.
- DEUSDEDITH JUNIOR. **A cidade é um texto**: apontamentos para ler a cidade. In: publicações acadêmicas v. 1, n. 1 (2003). Disponível em <http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/face/article/view/600/398>
- DUNGA JÚNIOR, **Para Guardar na Lembrança que é amiga da saudade**.
- IBGE - Produção agrícola Municipal de Boqueirão entre 1970-2004, 2006.
- JOFFILY, Irineo. **Notas sobre a Paraíba**. Rio de Janeiro, tipografia do Jornal do Comércio de Rodrigues & C, 1892.
- KRAISCH, Adriana Machado Pimentel de Oliveira. **Os índios Tapuias do cariri paraibano no período colonial**: ocupação e dispersão. In: Anais do II Encontro Internacional de História Colonial. Mneme- Revista de Humanidades. Caicó(RN), v. 9. N. 24, Set/out. 2008. Disponível em www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais
- MATA, Paulo. Irrigantes do Epitácio Pessoa (açude de Boqueirão) decidem mudar de hábito. **Folha do Cariri**, 27 de Jan. 2007, p 3.
- MEDEIROS, Coriolano de. **Dicionário corográfico do Estado da Paraíba**. 2a Ed. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional. 1950.
- MELO, Josemir Camilo de. **O resgate da História indígena na Paraíba**. Notas para uma pesquisa etnohistoriográfica. Ed. EDUFAL, 1999. (p. 195 -219)
- MELO, José Octávio de Arruda. **Historia da Paraíba**: lutas e resistência. João Pessoa: União Editora, 1994.
- OLIVEIRA, Fabiano Custódio de. **A decadência da agricultura irrigada em Boqueirão**: O caso da tomaticultura. (monografia de graduação em geografia), Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande. 2004.

- _____ . **A Decadência da agricultura irrigada em Boqueirão: O caso da tomaticultura.** In: II SEMAGEO, 2005, João Pessoa. II SEMAGEO. João Pessoa: UFPB, 2006. v. 1. p. 14-27.
- REGO, Carlinda Ernesto. **A importância do açude Epitácio Pessoa e suas implicações sociais e ambientais para a cidade de Boqueirão.** (Especialização em análise ambiental no ensino de geografia). Campina Grande – PB: UEPB, 2001.
- RÊGO, Eduardo Ernesto do. **Cooperativismo e território: questões sobre a COAPECAL em Caturité – PB.** (Dissertação de Mestrado - UFPB/CCEN). João Pessoa, 2009.
- REGO, Freud da Costa. **O Neocolonialismo em Boqueirão (1989-2004).** (Monografia de graduação em História). Campina Grande-PB: UEPB, 2005.
- SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia Nacional.** Memória lida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica. 1901.
- SEBRAE-PB. **Programa de emprego e renda (PRODER): Boqueirão.** João Pessoa - PB: SEBRAE-PB, 1997. 72 p., série diagnóstico sócio-econômico, 44.

FONTES ORAIS

- Entrevista com Marlene Pereira Barbosa, Boqueirão, realizada em 22/08/2012.
- Entrevista com Severino Raimundo de Sousa, Boqueirão, realizada em 09/08/2012.
- Entrevista com Mirtes Walesca Sulpino, Boqueirão, realizada em 19/09/2012.
- Entrevista com Jane Luiz Gomes, Boqueirão, realizada em 22/08/2012.

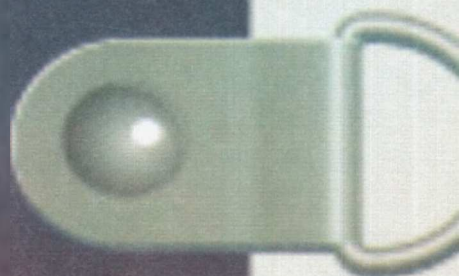
SITES E BLOGS

- <http://boqueiraoemfoco.blogspot.com.br/p/memoria.html>
- <http://www.facebook.com/photo.php?fbid=129485523852808&set=oa.244125792361134&type=1&theater>
- <http://www.desterro.org/ata-de-criacao>
- <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=250250#>
- <http://paulinhodamata.blogspot.com.br/p/aspectos-historicos-do-municipio.html>
- http://profkbrito.zip.net/arch2009-04-01_2009-04-30.html
- <http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/face/article/view/600/398>
- <http://secultboqueiraopb.blogspot.com.br/p/balαιο-cultural.html>



UMA HISTÓRIA DE RIO TINTO

CAPÍTULO 3



HINO DE RIO TINTO

De um córrego surgiu seu grande nome
Sobre as águas vermelhas a correr
Do engenho com início de ventura
Diz a história de um povo a crescer

Hoje estás de frente erguida para o alto
Desfrutando seus sonhos desejados
Com orgulho bradamos em prece
Rio Tinto és o símbolo do nordeste
Salve ó terra de um povo desejoso

Ao trabalho unidos a lutar
Levantando com impulso da coragem
Hoje vemos sua bandeira desfraldar
Hoje a árvore que te fez com grande impulso
Hoje és branco tal qual a sua flor
Homenagem sinceras desejamos
A quem teve seu início e te criou

Rio Tinto hoje vives na história
Reina sempre no céu o seu fulgor
Prende a brisa a segura luz da aurora
Rio Tinto és a fonte do amor

A CIDADE - FÁBRICA DOS LUNDGREN

André Figueiredo Rodrigues¹

3.1 Localização e Aspectos Gerais

O município de Rio Tinto está localizado na mesorregião da Mata Paraibana e na microrregião do Litoral Norte, distante 54 quilômetros da capital João Pessoa e tem como limites ao sul os municípios de Lucena e Santa Rita; a oeste Capim e Mamanguape; ao norte Mataraca; e ao leste Baía da Traição, Marcação e o Oceano Atlântico. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), inscritos no Censo 2010, sua população é de 22.976 habitantes residentes, sendo que destes 11.310 são homens e 11.666 mulheres, espalhados em uma área de 464.886 km², representando pouco mais de 0,82% da área total do Estado. Estima-se que em 1º de julho de 2012, sua população residente seja de 23.431 habitantes. (IBGE, 2013)

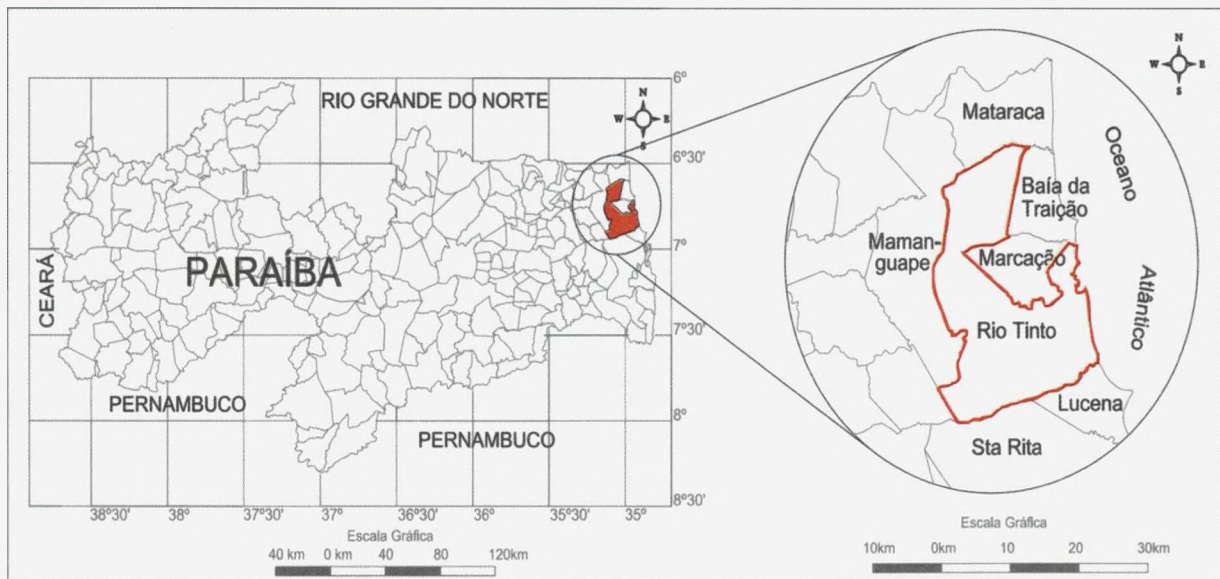


Imagem 9. Encontro de Ecologia da Paraíba. O município de Rio Tinto.

1. Doutor em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Professor do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), campus de Assis.

3.2 Antecedentes Históricos

Não se sabe ao certo a data do povoamento do atual município de Rio Tinto. Há evidências de que ela tenha ocorrido com a colonização da cidade de Mamanguape. Após a saída dos holandeses da região, no século XVII, e em decorrência dos constantes conflitos entre colonos portugueses e índios potiguaras, estes últimos foram transferidos para uma colina, onde fundaram a aldeia da Preguiça, em área posteriormente denominada vila de Monte Mor, em cujo lugar ainda existe a capela dedicada a Nossa Senhora dos Prazeres e o cruzeiro, construídos pelos jesuítas.



Imagem 10. Capela Nossa Senhora dos Prazeres e Cruzeiro de Monte Mor

Em ofício datado de 31 de maio de 1757, encontramos o ouvidor geral da Paraíba, Domingos Monteiro da Rocha, informando ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, Tomé Joaquim da Costa Corte Real, que no Rio Mamanguape havia um porto em Jaraguá, onde estava situada uma aldeia de índios chamada de Preguiça, distante 12 quilômetros da Igreja Matriz São Pedro e São Paulo, em Mamanguape. (AHU_ACL_CU_014, caixa 20, doc. 1564).

É na sede da antiga vila de Monte Mor, localizada na Vila Regina, que se iniciarão o projeto de construção da cidade-fábrica de Rio Tinto.

3.3 A Construção da Cidade-Fábrica de Rio Tinto

A história de Rio Tinto inicia-se com a compra e a posse de terras localizadas em Mamanguape, especificamente na região da aldeia Preguiça pela família Lundgren, em 1917. Antes da chegada dos Lundgren, a maioria das terras pertencia ao velho engenho da Preguiça ou a pequenos agricultores e pescadores espalhados em aldeias ao longo das praias. (MARCOVITCH, 2007, p. 42-43)

A origem da família Lundgren remonta a saga empreendedora de Herman Theodor Lundgren que, em 1852, aos vinte anos de idade, decidiu deixar sua terra natal, Norrköping, na Suécia, para tentar a sorte no Brasil. Na época, a Europa passava por problemas econômicos e o destino de muitos foi deixar a região e migrar para áreas prósperas, como a América.

Após um breve período no Rio de Janeiro e uma pequena escala em Salvador, Herman Lundgren estabeleceu-se em Pernambuco, como corretor e agente de navios. Empreendedor obstinado, dedicava-se à importação e à exportação de produtos como cera de carnaúba, açúcar, sal e peles de animais. Em 1866, fundou a fábrica de pólvoras S/A Pernambuco Powder Factory, na aldeia Pontezinha, no município do Cabo. Em 1904, comprou a Companhia de Tecidos Paulista e entrou no ramo da indústria têxtil. (MARCOVITCH, 2007, p. 29-42)

Após a morte de Herman em 1907, seus filhos continuaram a tocar os investimentos da família. O controle da fábrica de tecidos ficou nas mãos de Frederico João Lundgren que, com o intuito de ampliar as instalações fabris, enviou Artur Barbosa de Góes, que exercia a função de corretor de imóveis da Companhia de Tecidos Paulista, para comprar terras na antiga vila da Preguiça, na época pertencente ao município de Mamanguape.

Em 1917, Frederico Lundgren comprou, por intermédio de Artur Góes, terras de dois proprietários locais. A primeira aquisição deu-se com a compra da fazenda Três Rios, ao senhor João Primo (59 km²). Depois, adquiriu junto ao senhor Alberto César de Albuquerque, as terras da aldeia Preguiça (601 km²). Com a junção destas duas áreas, em um espaço de 660 km², ergueu-se, mais tarde, a cidade industrial de Rio Tinto. (RODRIGUES, 2008, p. 96)

A compra destas terras, para a instalação da nova fábrica de tecidos da família Lundgren, foi estrategicamente planejada. Aos olhos de muitos, as terras adquiridas eram consideradas sem valor por estarem em áreas alagadiças do Rio Mamanguape; mas, para os Lundgren, ao contrário, aquelas terras ofereciam vantagens até aquele momento inexploradas.

Além da localização privilegiada, aquelas terras possuíam portos naturais, por onde poderia desenvolver o comércio com outras regiões do Brasil e do exterior; e madeiras de excelente qualidade para a construção das casas onde morariam os trabalhadores e da própria fábrica. Os Lundgren obtiveram do governo da Paraíba isenção de impostos por um período de 25 anos, durante as quais a fábrica se encarregaria dos serviços de segurança, educação, saúde, lazer e transporte da população ali sediada; além de reflorestar a área usada na extração de madeira, com o plantio de eucalipto. Portanto, a escolha da região de Rio Tinto para receber a indústria têxtil dos Lundgren reunia três condições econômicas essenciais na época: proximidade de matéria-prima, facilidade de transporte e disponibilidade de fontes de energia. (RODRIGUES, 2008, p. 96-97; PANET, 2002, p. 26)

Além de fatores de ordem econômica, a escolha da região deveu-se, também, a uma estratégia política: em 1917, evoluía na cidade de Paulista, em Pernambuco, sede da indústria têxtil da família Lundgren, forte movimento operário, que culminou com a organização de greves e revoltas. A construção em Rio Tinto de uma nova cidade-fábrica, cercada por várias áreas rurais de propriedade do Grupo Lundgren, isolava o empreendimento da atuação de movimentos sindicais e permitia o domínio e o controle sobre a mão-de-obra, capaz de impedir atividades vistas pelos patrões como incompatíveis com o cotidiano regado e produtivo que deveriam ter os trabalhadores. Afastavam-se da realidade operária, por exemplo, “a presença de bares, bordéis, sedes de sindicatos e de partidos operários, templos de umbanda, protestantes ou espíritas.” No caso de Rio Tinto, esclarecem Philip Gunn e Telma de B. Correia, “a proximidade com a cidade de Mamanguape – 12 km – permitia a esta cidade desempenhar esse papel de ‘válvula de escape’.” (GUNN; CORREIA, 2002, p. 143-144) A população operária, em vez disso, era favorecida com serviços de moradia, educação, lazer, saúde e trabalho.

As construções da cidade e da fábrica começaram em 1918, com a derrubada da mata, o aterramento das áreas de manguezal, o escoamento das águas e a plantação de eucaliptos para a drenagem do solo alagado da região, devido à presença do Rio Mamanguape, Rio do Gelo e do Rio Vermelho. (PANET, 2002, p. 27-28)

Com a instalação da olaria, que produzia tijolos vermelhos com o nome do empreendimento, as primeiras edificações foram implantadas, com a abertura das primeiras ruas e suas casas, a maioria de porta e janela, em um total de 2.613 moradias, no período de 1920 a 1948. A farmácia, a igreja, o clube recreativo, a escola e a padaria foram construídos em 1923. O hospital foi inaugurado em 1940, e a cantina em 1945. “A construção da fábrica, montagem das oficinas, casas de força e instalação dos equipamentos deu-se entre 1923 e 1941.” Em 24 de outubro de 1924 foi inaugurado o conjunto habitacional para os funcionários da fábrica. A indústria de tecidos começou a funcionar em 27 de dezembro de 1924. (PANET, 2002, p. 28).

No início das obras, a área localizada no antigo engenho Preguiça recebeu o nome de Nova Descoberta. Este nome, aliás, não passou para a história, pois quando a fábrica de tecidos, também primitivamente chamada de Nova Descoberta começou a funcionar na Vila Regina, os responsáveis pela operação das máquinas de tecelagem, originários dos Estados de Alagoas e Sergipe, estranharam a água que lhes era dada para beber. Estes operários não bebiam a água que satisfazia a sede dos demais trabalhadores do local, por acharem incomum sua coloração. No impasse, um sanitarista de Recife constatou que as águas servidas aos trabalhadores, vindas da nascente do Rio Vermelho, que atravessava Nova Descoberta, eram de cor muito avermelhada. Deve-se a isto o fato de o local, a partir de então, ter passado a se chamar Rio Tinto. (DANTAS, 2009, p. 39)

3.4 A Companhia de Tecidos Rio Tinto

O brilho industrial de Rio Tinto começou com a inauguração da Companhia de Tecidos em 1924. A fábrica foi montada com antigos teares importados das cidades inglesas de Manchester e Lancashire. A seção de fiação, instalada em uma área de 6.400 m², contava com 1.200 teares movimentados por 20 dínamos acoplados à tecelagem, quatro engomadeiras para tratamento dos fios, nove máquinas de esfriagem, 31 bancos (grossos, intermediários e finos), 13.000 fusos, 45 máquinas de cardar e cinco urdideiras (aparelhos para enrolar o fio em novelos). Toda a eletricidade utilizada para movimentar as máquinas vinha da usina elétrica construída pela Companhia. (PANET, 2002, p. 28; VALE, 2008, p. 37)

Quando Getúlio Vargas visitou Rio Tinto, em 12 de setembro de 1933, disse que a cidade era “o recanto mais europeu de toda a Paraíba”. Na época, 80 famílias alemãs acabavam de se instalar no local. Eram clãs de operários fabris qualificados, especializados em produzir tecidos de todos os tipos e tamanhos, que traziam os hábitos de sua terra. Em Rio Tinto, entre as décadas de 1930 e 1950, os alemães popularizaram o tênis e o boliche como esportes, só praticados nos refinados clubes sociais de São Paulo e do Rio de Janeiro. (DANTAS, 2009, p. 41)

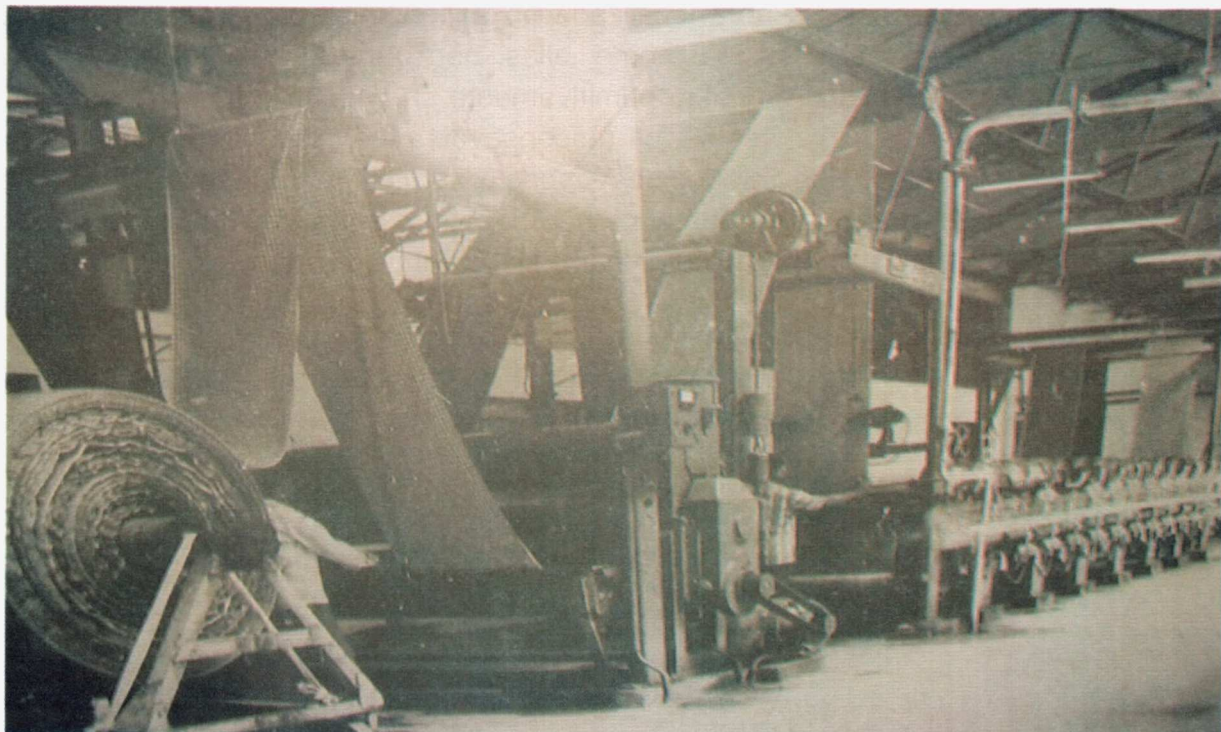


Imagem 11. Interior do setor de tecelagem da Companhia de Tecidos Rio Tinto, onde se observam trabalhadores em atividade.

O contato com o Presidente da República garantiu à Companhia de Tecidos Rio Tinto um contrato para a produção de brim branco e da mescla cruzador azul, que seriam utilizados na confecção de todo o fardamento da Marinha brasileira. A essa encomenda seguiu-se a fabricação do cáqui Floriano Peixoto, destinado aos militares da Força Pública Estadual. O Exército também se supriu de tecidos verde-oliva junto à Companhia, responsável pela fabricação do cáqui Alexandre. Entre 1940 e 1970, o SESI e o SENAI da Paraíba figuraram entre as instituições que tinham na Companhia de Tecidos Rio Tinto a única fornecedora de seus panos. Com isso, a cidade-fábrica de Rio Tinto, de um simples distrito industrial de Mamanguape, passou a ser a maior unidade fabril têxtil da América do Sul, de tão grande que era o volume de sua produção. (MELLO, 2002, p. 91; DANTAS, 2009, p. 41)

Além da produção sob encomenda, em atacado, os tecidos confeccionados pelos Lundgren eram vendidos a varejo através de uma cadeia de lojas comerciais de sua propriedade espalhadas pelas principais cidades do Brasil – as Casas Pernambucanas. A experiência de se trabalhar com atacado e varejo foi crucial para a alta rentabilidade financeira dos negócios da família Lundgren. No período da Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945, as indústrias têxteis brasileiras destacaram-se no mercado internacional, exportando tecidos para a América Latina, Europa e Oriente Médio. Nas décadas de 1950 e 1960 destacam-se o comércio de tecidos com os Estados Unidos. Neste cenário, merece destaque a produção comercializada pela indústria riotintense.

Com o avançar das encomendas e de sua respectiva produção, outras áreas e setores têxteis da Companhia foram construídos. A matriz da fábrica passou para a parte baixa da cidade, permanecendo em funcionamento apenas algumas seções na Vila Regina. No fim da Rua da Mangueira foram erguidos “o depósito de algodão, fiação, tecelagem, acabamento, escritórios, casa de força, almoxarifado, descarçador e prensa de algodão, beneficiamento de algodão-depósito de resíduos, reservatório de água e chaminés”, em uma área total de 64.209 m². (PANET, 2002, p. 56)

A ampliação da cidade-fábrica ganhou novos espaços e contornos a cada ano, concomitantemente ao aumento de moradores e operários. Em 1926, Rio Tinto contava com oito mil habitantes e trabalhadores. Em 1932, no conjunto habitacional moravam 14 mil pessoas, espalhadas por 1.700 moradias. Na década de 1940, a região tinha pouco mais de 20 mil pessoas. Nos anos de 1950, registrou-se 26.733 habitantes. No censo de 2010, a população da cidade era de 22.976 pessoas, com estimativa de que 23.431 habitantes estejam instalados em Rio Tinto em 1º de julho de 2012. (VALE, 2008, p. 47; RODRIGUES, 2008, p. 22-23; 99; IBGE, 2013)

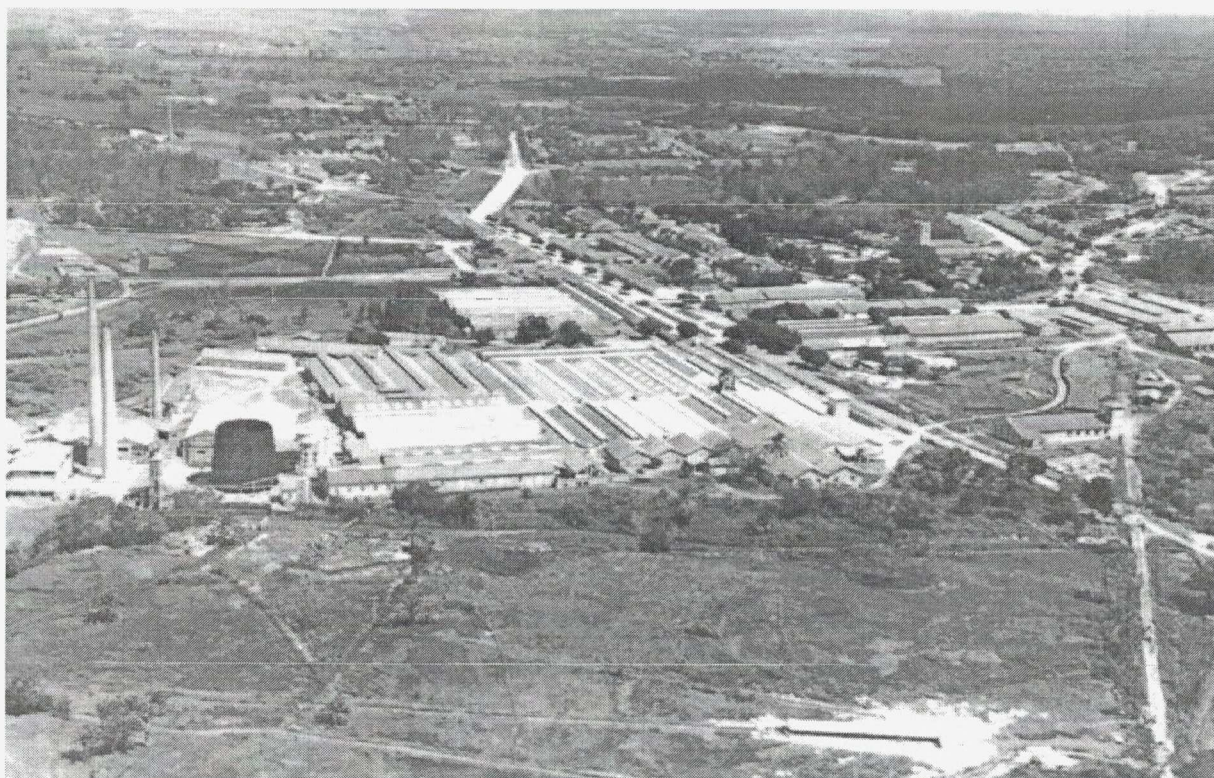


Imagem 12. Vista aérea da fábrica de Rio Tinto

De acordo com informações apresentadas por Maria Bernadete Ferreira de Macêdo, em *Inovações tecnológicas e vivência operária: o caso de Rio Tinto 1950-1970* [dissertação apresentada ao Departamento de Economia da Universidade Federal da

Paraíba, em 1986], citadas por Eltern Campina Vale, se no ano de 1924 a fábrica ocupava uma área de cerca de 25.000 m²; em 1959 sua extensão alcança o total de 333.692 m², sendo que os prédios e os terrenos anexos à indústria formavam:

depósito de algodão: 6.543 m²; fiação: 14.555 m²; tecelagem: 17.020 m²; acabamento: 14.679 m²; oficinas de manutenção: 5.560 m²; escritórios: 2.780 m²; casa de força: 2.508 m²; garagem: 493 m²; almoxarifados: 3.286 m²; descaroador e prensa de algodão: 1.404 m²; beneficiamento de algodão-depósito de resíduos: 1.280 m²; reservatório de água: 90 m²; chaminés: 64 m², perfazendo tudo um total de 70.262 m². (Apud. VALE, 2008, p. 51)

Dos prédios e terrenos não integrados à indústria têxtil faziam parte:

Vila operária com 2.613 casas, num total de 257.714 m²; o barracão, 1.825 m²; cinema: 2.000 m²; hospital: 1.386 m²; cantina: 462 m²; tecelagem instalada na Vila Regina, parte alta da cidade, com aproximadamente, 5.000 m² da área total da fábrica. (Apud. VALE, 2008, p. 51)

Contudo, em fins da década de 1960, a Companhia de Tecidos Rio Tinto sofre infortúnios ocorridos pela crise econômica ocasionada, em parte, pela concorrência com as modernas fábricas têxteis localizadas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil.

Já em 1950, por exemplo, para enfrentar a concorrência e acompanhar a modernização que vinha ocorrendo nas fábricas de outras partes do país, a Companhia deu início às mudanças fabris, com a compra de novos teares. Com máquinas modernas, que precisavam de menos operários para funcionarem, ocorreu a demissão de alguns trabalhadores naquele ano. (PANET, 2002, p. 37)

Em 1962, a fábrica beneficiou-se do programa de reequipamento da indústria têxtil instituído pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Ela comprou, nesse ano, novos equipamentos e reformou galpões, proporcionando mais qualidade na produção de seus tecidos. Desta vez, a Companhia dispensou 1.236 pessoas. Entre os anos de 1963 e 1964, mais 2.000 operários foram demitidos, com a desativação da parte da tecelagem localizada na Vila Regina. (PANET, 2002, p. 37)

Alguns operários demitidos – os que tinham mais de dez anos de emprego – conseguiram a aquisição da casa onde moravam como indenização. De acordo com Amélia Panet, a casa, “antes instrumento de controle e imobilização da mão-de-obra”, passou, com a decadência da industrialização, para as mãos dos trabalhadores como “instrumento de liberação das responsabilidades, um acerto de contas, forma de ‘se livrar do operário’, sem grandes prejuízos para a Companhia.” (PANET, 2002, p. 37-38).

No final da década de 1960, com suporte de outros projetos encaminhados à SUDENE, ocorreram mais mudanças tecnológicas. Como a Companhia de Tecidos Rio Tinto ainda possuía teares antigos convivendo com outros mais modernos, intensificaram-se as desigualdades tecnológicas entre setores, o que prejudicou a produtividade geral. Este fato ocorreu não só na Paraíba, mas, também, em outras indústrias têxteis do Nordeste, que não acompanhavam os avanços da concorrência no Sul e no Sudeste do Brasil. (PANET, 2002, p. 38)

Aos poucos a Companhia de Tecidos Rio Tinto foi diminuindo suas atividades, até que em 1983, a fábrica parou.

3.5 O Município de Rio Tinto

Desde a inauguração da fábrica, os Lundgren mantinham boas relações políticas com o governo da Paraíba e com políticos locais. João Pessoa, que administrou a Paraíba de 1928 a 1930, foi um dos únicos governadores que “tentou neutralizar o poder dos Lundgren, buscando impedir que utilizassem o aparato local do Estado em benefício direto de seus interesses.” Nesse sentido, como nos explicam Philip Gunn e Telma de Barros Correia, o então governador João Pessoa “removeu um juiz e um promotor de Mamanguape e procurou conter arbitrariedades atribuídas ao prefeito da cidade, que conciliava este cargo com o de Diretor” da Companhia de Tecidos Rio Tinto. (GUNN; CORREIA, 2002, p. 145)

Além da aliança com governadores, a partir de 1950, a fábrica manteve por mais de uma década um representante da família Lundgren na Assembleia Legislativa. Em 1950, Hercílio Lundgren foi eleito deputado estadual e, em 1954 e 1958, foi eleito Eduardo Alencar Ferreira, genro de João Frederico Lundgren. Em 1958, a fábrica promoveu e apoiou a eleição para deputado federal de Raul de Góes, um ex-diretor da empresa. “A defesa dos interesses patronais através destas representações dirigia-se, entre outras coisas, à busca de favores fiscais ou a pleitos isolados, como a conversão de Rio Tinto em município, em 1956.” Em 1959, Artur Lundgren foi eleito prefeito da cidade. (GUNN; CORREIA, 2002, p. 145)

Assim, em 6 de dezembro de 1956, o então governador Flávio Ribeiro Coutinho sancionou o Projeto de Lei 1.622, de autoria do deputado Eduardo Alencar Ferreira, que separou Rio Tinto da cidade de Mamanguape.

A emancipação de Rio Tinto se deu no período em que o prefeito de Mamanguape era o Sr. Francisco Gerbasi, cuja campanha eleitoral foi patrocinada pela Companhia de Tecidos Rio Tinto, da qual era secretário da Diretoria. (RODRIGUES, 2008, p. 246-247)

A criação do município de Rio Tinto ofereceu à Companhia de Tecidos condições de controle da administração da cidade totalmente encravada em suas terras. Foi assim até o declínio da indústria têxtil no local. Mesmo sem funcionar, a fábrica ainda controla – pelo menos economicamente – o desenrolar da cidade.

O Grupo Lundgren ainda é proprietária de parte do patrimônio imobiliário da cidade, desde as casas da vila operária, prédios da fábrica, cinema, igreja e algumas propriedades de terra ao redor de Rio Tinto. Ainda hoje muitas pessoas pagam aluguel de suas casas à Companhia, que mantém imobiliária na avenida principal da cidade, na Rua Tenente José de França, popularmente conhecida como Rua da Mangueira.

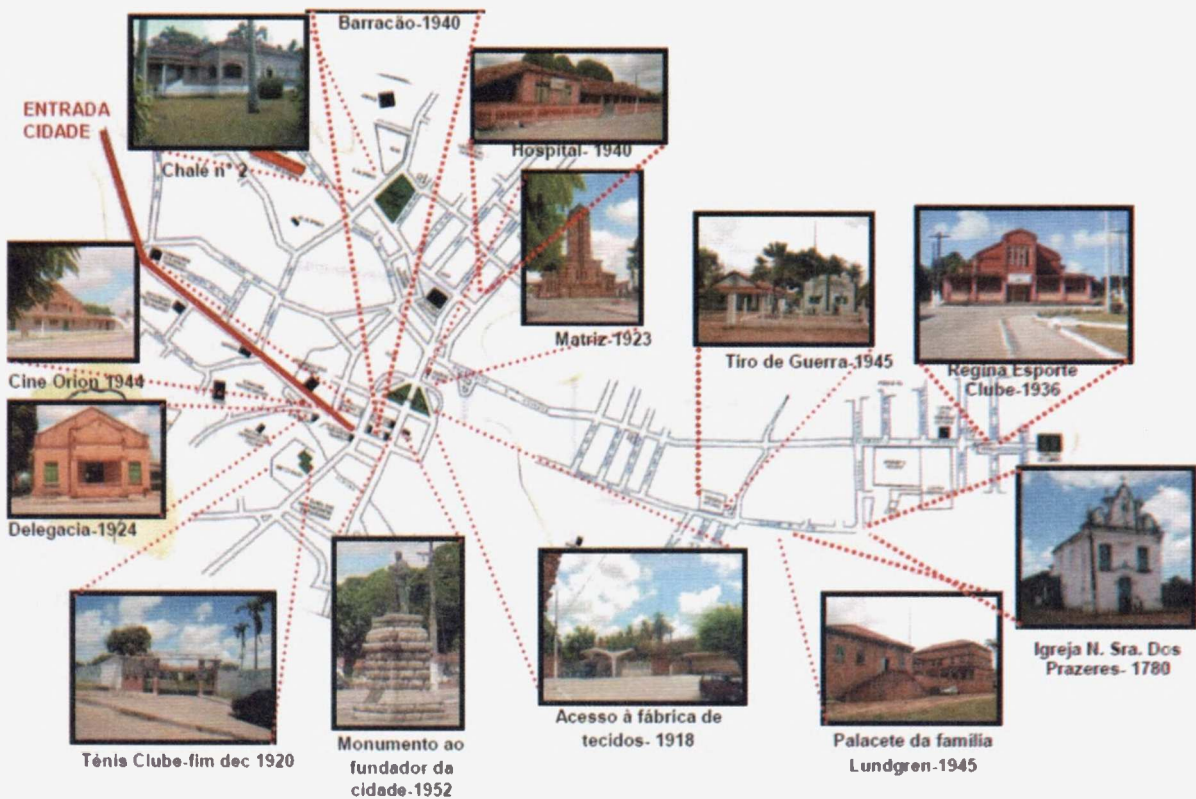


Imagem 13. Mapa ilustrado de Rio Tinto com suas construções principais

Mesmo com o passar dos anos, algumas das construções da cidade-fábrica dos Lundgren permanecem de pé, atestando a significação do local no processo de industrialização ocorrido na Paraíba no século XX. Exemplo disso é o conjunto de chaminés do pavilhão central da Companhia de Tecidos Rio Tinto, visualizado em quaisquer pontos da área central da cidade ou, ainda, o ouvir das histórias narradas pelos antigos operários que passam momentos de seus dias sentados na praça central – Praça João Pessoa – ou nas calçadas e terraços em frente às suas casas

lembrando tempos de outrora. Na época de Natal, na noite do dia 24 de dezembro, pouco antes do badalar da meia noite, ouvia-se – em vários pontos da cidade de tão estridente e prolongado que era – a sirene da fábrica anunciar o nascimento do menino Jesus. Na passagem do ano, no dia 31 de dezembro, o mesmo ocorria em conjunto com o apagar das luzes de toda a cidade. O apagão momentâneo marcava o início de um novo ano e o desejo de que aqueles anos de glória não se apagassem com o acender das luzes. Infelizmente as circunstâncias foram implacáveis...

3.6 FONTE

Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa – Portugal). Projeto Resgate Barão do Rio Branco. Documentos Avulsos. Capitania de Pernambuco. “Ofício do ouvidor geral da Paraíba, Domingos Monteiro da Rocha, ao [secretario de estado da Marinha e Ultramar] Tomé Joaquim da Costa Corte Real, remetendo a informação de toda a extensão das comarcas, distritos e rios da sua jurisdição, que correspondem à capitania do Rio Grande, Mamanguape, freguesia de Nossa Senhora dos Milagres, distrito da cidade da Paraíba, povoação do Piancó e capitania do Taipú”. Paraíba, 31 de maio de 1757. [AHU_ACL_CU_014, caixa 20, doc. 1564]

3.7 REFERÊNCIAS

- DANTAS, Anna Aline Roque Santana. **Rio Tinto, impacto do declínio econômico na organização espacial**. João Pessoa, 2009. 102 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal da Paraíba.
- GÓES, Raul de. **Um sueco emigra para o Nordeste: vida, obra e descendência de Lundgren**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964.
- GUNN, Philip; CORREIA, Telma de B. O hábitat operário no Nordeste industrial: os núcleos fabris de Paulista e Rio Tinto. In: PANET, Amélia et alli. **Rio Tinto: estrutura urbana, trabalho e cotidiano**. João Pessoa: UNIPÊ, 2002, p. 137-161.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades@: Rio Tinto**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 8 jan. 2013.
- MARCOVITCH, Jacques. Os Lundgren. In: **Pioneiros e empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil**. São Paulo: Edusp; Saraiva, 2007, v. 3, p. 29-62.

- MELLO, José Octávio de Arruda. Arqueologia industrial e cotidiano em Rio Tinto. In: PANET, Amélia et alli. **Rio Tinto**: estrutura urbana, trabalho e cotidiano. João Pessoa: UNIPÊ, 2002, p. 65-122.
- PANET, Amélia. Rio Tinto: história, arquitetura e configuração espacial. In: PANET, Amélia et alli. **Rio Tinto**: estrutura urbana, trabalho e cotidiano. João Pessoa: UNIPÊ, 2002, p. 17-63.
- RODRIGUES, Adiel Alves. **Panorama de Mamanguape**: uma exposição histórica do município. Recife: Comunigraf, 2008.
- VALE, Eltern Campina. **Tecendo fios, fazendo história: a atuação operária na cidade-fábrica Rio Tinto (Paraíba, 1959-1964)**. Fortaleza, 2008. 225 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/mundosdotrabalho/arquivos/eltern.pdf>>. Acesso em: 8 jan. 2013.
- SILVA, Marta Gomes da; LIMA, Edvaldo Carlos de. Conflitos territoriais no município de Rio Tinto/PB: o caso da retomada de terras da aldeia Monte-Mor. In: JORNADADO TRABALHO, 9., 2010, João Pessoa. **Anais...**; João Pessoa: Centro de Estudos da Geografia do Trabalho (CEGeT), 2010. 21 f. Disponível em: <www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=554>. Acesso em: 9 jan. 2013.



UMA HISTÓRIA DE SERRA REDONDA

CAPÍTULO 4



HINO DE SERRA REDONDA

Sôbre o dorso da colina
Hoje se ergue varonil
Uma cidade menina
De gracioso perfil

Teve a sua liberdade
Com labor e esforços mil
Pra nossa felicidade
Hoje é uma cidade
Entre as outras do Brasil.

Ó Serra Redonda querida
Eu quero te homenagear
Te consagro a minha vida
Tu és meu berço, és meu lar.

Ó Serra Redonda querida
Eu sempre hei de te amar
E nesta data querida
Venho te parabenizar

Os teus filhos te veneram
Com amor e devoção
Mutuamente se amam
Em confraternização

Pois em ti terra adorada
Pulsa um só coração
Falo a todos brasileiros
Aqui não tem forasteir-os
Todos nós somos irmãos.

Os ventos de leste a oeste
Levam a brisa do amor
Tua aurora é mais aurora
Em teu seio há mais calor

Terra que me viu nascer
Berço que me embalou
Te saúdo terra amada
Neste Brasil encravada
Sob as bênçãos do senhor.

Letra: João Vicente Marques
Melodia: Espedito Gomes

SERRA REDONDA

Dayanne Azevedo da Silva¹

4.1 Localização Geográfica

O município de Serra Redonda localizado no Estado da Paraíba, inserido na mesorregião do agreste paraibano e micro região de Campina Grand, limita-se ao norte com o município de Alagoa Nova; ao Sul com o município de Massaranduba; e ao Leste com os municípios de Ingá, Riachão do Bacamarte; e ao Oeste com Juarez Távora. Seu clima tropical semiárido com chuvas de verão e sua altitude máxima em relação ao nível do mar são de 391 metros. O acesso se dá por duas rodovias, uma federal BR 230, e a estadual PB 095. A distância do município em relação à capital do Estado João Pessoa é de 89,7 km. E em relação à Campina Grande, pólo comercial da região, é de aproximadamente 25 km.

4.2 Estimativa Territorial e Populacional

A estimativa populacional da cidade de acordo com IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 1991 sua população era estimada em 7.305 habitantes. Em 1996 era de 7.707; em 2000 era de 7.307; no ano de 2007 era 7.651; em 2009, 7.915; e de acordo com o censo de 2010, a população é de 7.010. Sendo homens: 3.338. e mulheres: 3.672. O território é estimado em aproximadamente 56 km² (55. 906km²).

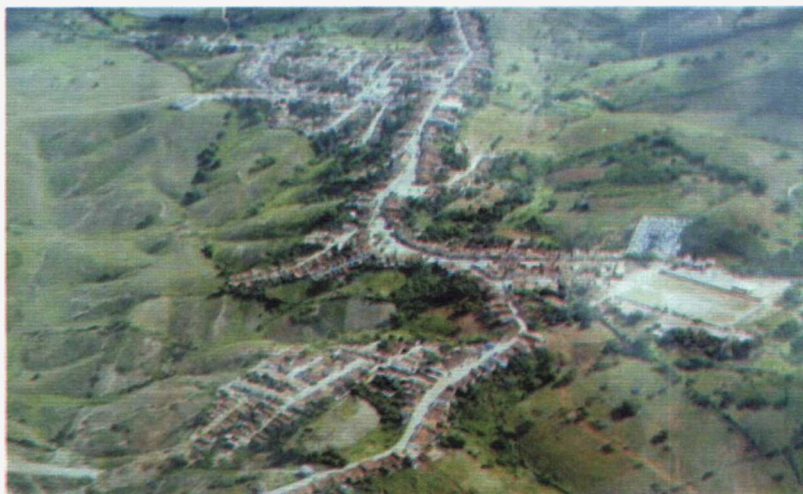


Imagem 14 Atual cidade de Serra Redonda - Imagem cedida pela Prefeitura Municipal

1 Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande-UFCG

4.3 Fundação

A cidade de Serra Redonda localizada no agreste paraibano, tendo a sua origem pelo espírito aventureiro, dos irmãos portugueses Pedro de Azevedo Cruz e Alexandre José Gomes da Cruz, vindos de Olinda em janeiro de 1780 se instalando na vila de Ingá, pertencente na época ao município de Pilar. Os irmãos portugueses buscavam uma região fértil que lhes proporcionasse o cultivo, por isso o lugar por eles encontrado se destacou entre as redondezas da vila de Ingá. Em fevereiro do mesmo ano de sua chegada, um dos irmãos Pedro de Azevedo Cruz foi o primeiro a penetrar no interior, descobrindo entre “rio Gurinhém e Pedra lavrada”, um morro com uma bela forma arredondada, batizando o lugar com o nome de Serra Redonda. Logo após sua descoberta, o mesmo tratou de requerer a doação ao governo da capitania Jerônimo José de Mello e Castro e Antônio Gonçalves de Medeiros, obtendo em 15 de fevereiro de 1780, pela concessão que tomou número o nº 773, e em 07/05/1787 sob nova concessão nº 865, mais agora na companhia de Manoel da Costa Travasso e Antônio Gonçalves de Medeiros, estes pertencentes à vila de Ingá. Pedro de Azevedo Cruz recebeu parte referente com quase três léguas em quadros de terras, nas proximidades do rio Cafula que passa em Serra Redonda vindo de Campina Grande onde tem o nome de Marinho estendendo-se adentro em direção à cidade de Ingá.

Pedro de Azevedo Cruz se instalou na região chegando a construir um sobrado de madeira na companhia da sua esposa. D. Isabel Barbosa Maciel e sua filha vinda do Recife. Iniciando-se já no ano de 1900, o Desenvolvimento de um núcleo populacional, que floresceria junto também com um processo a criação de gado e agricultura, pelo seu irmão Alexandre Gomes da Cruz, este que também iniciou a construção de uma capela em honra a São Pedro, não sendo terminada por motivos de desavenças com seu irmão. Alexandre acabou fixando-se nas terras do engenho Caiana, começando neste lugarejo uma nova fonte de economia, a cana-de-açúcar e a mandioca. Hoje as terras pertencem ao Senhor Vital Pinto.

Logo Serra Redonda já começando a se destacar, iniciando-se a vinda de outras famílias, além do pioneirismo da família Azevedo, podemos contar com outras que fizeram história, como a família dos Dantas, Tavares e Machado, todas ainda presentes na localidade.

Em 1906 Serra Redonda é elevada a categoria de vila e em 1916 uma comissão entrega um memorial com mais de 800 assinaturas ao Dr. Epitácio Pessoa, desejando a emancipação política, que infelizmente não foi concretizada na época.

Nas divisões administrativa do Brasil em 1936 e 1937 bem como nos referentes ao quinquênio de 1939 a 1943, de 1944 a 1948 e 1949 a 1953, o desmanche para sua Emancipação política foram liderados por Primo Raposo; Flávio Bilu de Oliveira, João Luiz de França, Luiz Biu Pinheiro e Padre Letício de Azevedo Costa.

E no dia 17 de dezembro de 1953, sob a lei estadual de nº 992 sancionada pelo então Governador João Fernandes de Lima. Ocorrendo sua instalação oficial em 30 de dezembro desmembrando-se da cidade do Ingá. Sendo empossado como prefeito: Newton Borba Dantas; em seguida Gérson Tavares; e o primeiro prefeito eleito pelo povo foi Severino Dias de Almeida; Cícero Vicente Cruz; Severino Alves de Lima, Antônio Bilu de Oliveira; Reginaldo de Paula Freire; José Bernardo dos Santos; Gilberto Cavalcante de Farias; Nivaldo Lima de Oliveira; e a primeira mulher eleita prefeita foi Verônica Andrade. E a atual gestão Manoel Marcelo de Andrade.

A Serra tem seu povo sua gente que fez história, que viveu numa época de seca, descaso com o ser humano, pobreza e o pouco que se possuía era da minoria. Povoada há pouco tempo, Serra Redonda foi criando formas, nascendo algumas simples casas, ruas, comércios, famílias foram vindo e ficando, laços foram criados, florescendo assim seus primeiros poucos habitantes Serra Redondenses, construindo história e deixando hereditariedade que possuímos hoje, todos nós fazemos parte do que foi e do que está sendo Serra Redonda.

Iniciando-se a história nunca antes contada, a Rua do Comércio, onde se encontravam as maiores casas de negócios e as principais residências, onde estão situadas também, a matriz de São Pedro e a agência dos correios. Era o início do centro de povoação da cidade. Também se destaca o “Obelisco” que se encontra no início da Rua Pedro de Azevedo Cruz inaugurado em Sete de Setembro de 1922, em homenagem ao primeiro centenário da Independência Brasileira (1822-1922). Neste período, Serra Redonda ainda era distrito de Ingá. Dentro do Obelisco, contam os mais antigos moradores da cidade, que possuem moedas e documentos, que foram colocados pelas mais antigas autoridades da cidade.

A aproximadamente em 1945, Serra Redonda possuía uma população de cerca de dois mil habitantes, ruas existiam apenas oito e não se encontravam placas indicando-as, apenas eram conhecidas pelo nome que o povo mesmo batizava. A principal era Rua do Comércio, hoje conhecida como Rua Pedro de Azevedo Cruz onde havia as maiores casas de negócios e as principais residências. A Rua da Baixinha, hoje Eufrásio Câmara conhecida ainda por aquele nome, talvez por ser mais baixa do que as outras. A Rua do Barreiro onde ficava o barreiro de São Pedro, uma espécie de reservatório de água poluída, tendo as pessoas pobres que utilizavam essa água, uma das suas únicas fontes de sobrevivência. Mas o que de fato chamava a atenção era que essas pessoas não apresentavam qualquer tipo de doença. Hoje não existe o barreiro, existe a Praça São Pedro, com a imagem do mesmo, onde os fiéis podem cultuá-lo, e aproveitar o espaço reservado para as festas de rua, principalmente em homenagem ao Santo Padroeiro São Pedro. A Rua do Tijolo Cru, hoje Ana Afra, onde viviam as prostitutas, “o róí couro” como se dizia naquela época, destacando-se entre elas uma “rapariga” mais conhecida “Maria Caçadeira”, assim denominada devido o seu pai que era ou foi caçador. E a dona do bordel “Rita Brisa” sendo uma das mulheres mais respeitadas entre todas as prostitutas.

A Rua do Aracati, hoje Rua 7 de setembro, tendo este nome devido a um morador que veio do Ceará e se instalara naquele lugar. A Rua do Cajueiro, que atualmente homenageia um dos antigos comerciantes que viveram na cidade, o Sr. Augusto Vila Bela, e a Rua da Palha, hoje conhecida como Rua Rosa Rainha, denominada assim por causa de uma portuguesa que morava na localidade.

Podemos notar como Serra Redonda se expandiu e cresceu. Hoje existem mais do que oito ruas. São quase vinte. Todas urbanizadas, com comércio, saneamento básico para a população. A Serra ainda possui três conjuntos habitacionais com o nome Antonio Mariz I II e III. Este foi senador entre os anos de 1991 e 1994, e empossado governador da Paraíba em 1º de Janeiro de 1995 até 16 de Setembro de 1995 quando faleceu. Estes Conjuntos são destinados à população carente de Serra Redonda.

4.4 Aspectos Econômicos

Não é de hoje que Serra Redonda se destaca devido à fama da feira central iniciada às seis da manhã do sábado até o anoitecer, hoje até o término da manhã. Este era, e é um dos momentos, onde comerciantes colocam seus bancos nas ruas para vender os mais variados produtos para as pessoas das regiões, cidades vizinhas sítios e da cidade. Momento este não só de vendas, mas de alegria, de conhecimento e compartilhamento de conversas. Como a maioria das feiras, vários produtos são vendidos em sacos entreabertos, dos quais se retiraram e são pesados em quantidades pedidas. No mercado público também se encontravam açougues os bancos de bolo de feira e de biscoitos, chamados de raivas ou de “raivinha”. Ao término da feira os “matutos” montavam nos seus cavalos, desfilando as compras que tinham realizado. Antes à feira só terminava a partir do momento em que os rapadureiros vendedores de rapadura, amontoavam a palha dos grajaus (embalagem de paus e folhas de cana seca onde eram arrumadas as rapaduras) tocando fogo a seguir. Hoje não existe mais esta tradição, a feira termina no final da manhã, quando todo já tem feito suas compras.

A feira ainda permanece na cidade contribuindo para a sua economia, pois é exatamente o momento em que todos desejam vender, mostrar seus produtos em bancas nas ruas, atraindo pessoas da cidade e das redondezas. É uma forma de não deixar o comércio estagnado, mantendo uma tradição de anos culturalmente e economicamente. Na economia também está presente a agricultura onde se destaca: o feijão, milho, laranja, mandioca, inhame com uma produção relevante. E a pecuária se resume à criação de bovinos, suínos, ovinos caprinos.

Os principais comerciantes da cidade são as grandes famílias. Serra Redonda possui uma sapataria do Sr. Augusto Pontes. Existiu também o Sr. Odilon dono de um cassino, Sr. Antonio Bilú o panificador da única padaria, Sr. Aristóteles Moreira

conhecido como Sr. Tota da loja de tecidos. Além de outros donos de mercearia, com Sr. Luís Bui Pinheiro e comerciantes como Sr. Augusto Vila Bela.

Novas mudanças e transformações nos remetem à economia da cidade. São grandes comerciantes que se desenvolveram, todos moradores da mesma. Hoje a economia não gira tanto em torno da "Feira", mas sim dos pólos tecnológicos que foram atraídos, promovendo o crescimento estrutural da cidade. Conta com a presença de micro-empresa e multinacionais, como é o caso da empresa *Selma Calçados*. A antiga sapataria do Sr. Augusto Pontes, hoje administrada por seus filhos, um legado que se estende na história da família e da cidade. E empresas que se instalaram vindas de fora com o intuito de trazer desenvolvimento econômico já que, não se encontram grandes oportunidades de emprego. A maior empresa que se instalou foi à multinacional *Alpargatas*, chegando em 1991. Indústria de calçados que emprega não apenas pessoas da cidade, mas de outras regiões, proporcionando também outras oportunidades. E a mais nova fonte de economia *Indústria Majal*, no ramo de vestimentas. E também outros comércios dos moradores da cidade como: Casas de Materiais de construções, mercadinhos e lojas de eletrodomésticos. Entre outros, que ajudam a movimentar a economia da cidade.

Considerando que a maioria das famílias possui uma renda financeira abaixo da média, sobrevivendo da agricultura e programas do governo, chegando algumas famílias possuir uma renda de um salário mínimo. Esses fatos comprovam como é lento o desenvolvimento da cidade, não proporcionando muito para a população, fazendo com que elas tenham que se deslocar para outras regiões. É difícil cidades do interior, principalmente com um baixo nível populacional e econômico, conseguir atingir um nível crescente sem ajuda do governo, crescimento pelo menos para que a população não tenha que deixar sua terra. A falta de valorização de empregos mostra como muitas cidades são esquecidas e desfavorecidas.

4.5 Aspectos Religiosos

Predominantemente se cultua a religião católica em Serra Redonda tendo a sua matriz de São Pedro, localizada na Rua Pedro de Azevedo Cruz. De início temos a construção de uma capela em 29 de junho do ano de 1917, tendo depois a sua frente o Padre João Batista, Padre Joaquim e vários outros.

Mas a matriz precisava crescer, embelezar-se. E em 1924 a matriz de São Pedro foi reconstruída sendo feita uma obra de valor grandioso, com suas artes e encantamentos. Os fiéis da igreja contemplam uma belíssima arte gótica, no centro das paredes da igreja, desenhada especialmente para a matriz de Serra Redonda por um português, não se tendo informações específicas do seu nome, mas fez da igreja um encanto, onde todos da cidade podem se orgulhar do tamanho da obra que possuem.

A matriz é uma das mais belas das redondezas, sendo conservada por todos esses anos pela população. Suas missas são realizadas com muitos fiéis aos sábados e domingos mantendo sempre a tradição. O Santo Padroeiro, São Pedro, é cultuado desde os primórdios da colonização da cidade, sendo realizadas festas e procissões para o santo.

Mas não é somente através de obras, construção que podemos encontrar na cidade, Serra Redonda teve uma das suas maiores contemplações, com um homem de sabedoria, humildade, que fez da cidade não apenas um lugar onde praticaria sua fé, mas onde brotaria o amor humano entre todos, ajudando a quem precisasse, construindo casas para os pobres, denominadas como "O Pão do Padre". Obras mais do que feita por um homem, mais por um enviado da fé, do amor. Este homem que todos conhecem foi Padre João Francisco Geerons (*padre João*) que, vindo da Bélgica, em 1979, possuía um enorme desejo de vim evangelizar no Brasil, pedindo ao seu bispo que o enviasse para a sua missão. Iniciando-se assim um período de mudanças. Como os seus desejos foram acatados, o Arcebispo da Paraíba D José Maria Pires recebeu com muita honra e satisfação, acolhendo-o inicialmente e nomeando-o vigário da paróquia da Conceição, em João Pessoa-PB. Depois de adaptá-lo, Padre João e toda a população Serra Redondense foram contemplados com a sua chegada à matriz de São Pedro.

Evangelizar era mais do que passar a palavra para as pessoas. Padre João, queria amenizar o sofrimento daqueles que não tinham a quem recorrer, ser um "pai para os pobres", ajudando como podia. Aos poucos e a cada dia, Padre João foi ficando na cidade, passando 22 anos em Serra Redonda, realizando obras. Padre João nunca sentiu a necessidade de voltar a morar na Bélgica, pois suas palavras foram claras ao se referir como ele mesmo chamava carinhosamente Serra Redonda "Pérola Redonda". *Nasci na Bélgica, mas minha terra é aqui, se eu morrer lá não morro do coração, mas de saudade*". Assim era Padre João, um homem de coração amado por todos, tendo infelizmente falecido em março de 2009. Mas o povo de Serra Redonda após sua morte não se esqueceu de Padre João, iniciou a construção de um memorial ao lado da matriz onde foi enterrado.

Além de homenageá-lo com um dobrado, composição musical tocada na Filarmônica Adbon Tavares. Serra Redonda será eternamente agradecida pelo legado de obras, como o Pão do Padre, localidade que possui casas feitas por ele para a população, a Rádio Comunitária Sorriso da Serra, a Creche Santinho. Padre João deixou também seu legado de fé e amor ao próximo.

É importante destacar como outras religiões cresceram dentro da cidade. Os Protestantes são ainda minoria, mas ao longo do tempo tem-se percebido um aumento, chegando a existir seis templos evangélicos sendo que o mais antigo é o da Igreja

Evangélica Tabernáculo de Jesus Cristo, fundada em 25 de outubro de 1969, situada na Rua Augusto Vila Bela, tendo seu fundador o Pr. Paulo Geraldo Stalshus, da cidade de Campina Grande.

A evangelização iniciou-se através de filmes em praça pública, e logo em seguida iniciou a fundou a igreja no dia 25 de outubro de 1969. E em janeiro de 1970 o Pr. Paulo empossou como Pr. Adilson Belarmino da Silva que permanece até hoje, sendo a igreja evangélica pioneira na cidade. As atividades pastorais no regimento pentecostal contam com vários departamentos dentre eles, a secretária de missões, que integra trabalhos de evangelizações e trabalhos sociais, além também de escolas bíblicas para os seus fiéis, além de contar com departamento de jovens, senhoras e crianças.

A Serra possui também duas igrejas Assembléia de Deus, a Batista, a Universal do Reino de Deus, e a pioneira Tabernáculo de Jesus Cristo todas contendo seus espaços de evangelização na cidade.



Imagem 15. Igreja Matriz de São Pedro



Imagem 16. Igreja Evangélica Tabernáculo de Jesus Cristo

4.6 Educação

Serra Redonda possui no total 21 escolas, sendo que três escolas são municipais (o Eduardo Medeiros) onde já funcionou um núcleo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) com o curso de Pedagogia. A escola Senador Ruy Carneiro e o Grupo escolar Mimosa Dias, nome dedicado a D. Mimosa Dias que tinha uma escola particular na cidade antigamente. As demais são grupos escolares situados na zona rural. Contando também com uma creche Santinho localizada na cidade. A Secretaria de Educação do Município situada na Rua Prof. Felismina Cavalcante de Oliveira, coordenada pela Professora: Maria Isabel Machado de Andrade.

A escola municipal de Ensino Infantil e Fundamental Eduardo Medeiros situada na Rua 30 de dezembro, sendo a primeira escola construída na cidade. A história da construção da primeira escola se dá a partir da reunião de pessoas da comunidade que se uniram e construíram uma sala de aula. Mas a demanda de alunos foi crescendo e sentiu-se a necessidade de construir uma escola que atendesse a todos os interessados. O prefeito na época, Dr. Rômulo Rangel recebeu da paróquia da cidade um terreno para construir a escola, aproveitando também usou o seu poder legislativo, colocando o nome da escola Eduardo Medeiros, homenageando a um antigo professor seu do ginásio que residia em João Pessoa e lecionava na escola Pio X.

A escola teve sua construção iniciada em 1945 e terminou em 1953, e sua última reforma foi realizada no ano de 2006 a qual deixara a escola com um aspecto moderno. O antigo prédio possuía apenas duas salas de aula e um palco, atendia do 1º ao 5º ano e o antigo Mobral. Teve como suas primeiras professoras, Rosa Rodrigues, Adélia Moura, Lourdes Marques e Deolinda Gonçalves. E o primeiro diretor Horácio Machado.

Hoje o Eduardo Medeiros ainda é uma das escolas mais importantes, recebendo os alunos tanto da zona urbana, quanto da zona rural. Tendo feito algumas reformas de melhoramento no interior do seu prédio, com novas salas, exemplo da biblioteca e da sala de informática, além das realizações no melhoramento do ensino pedagógico. A educação hoje reconhecida pelo MEC, com um bom desenvolvimento. A escola ainda possui parceria com o Instituto Alpargatas e Instituto Camargo Corrêa, que desenvolve programas educacionais para a escola.

Outra escola de grande porte na cidade é o Dom Aduato, instalada na cidade em 1972, iniciando-se apenas com uma única turma de 5º série, e mais tarde originou-se outro nome escola Cenecista Dom Aduato.

E em dezembro de 1988, por decreto do governo do Estado passou a se chamar Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Dom Aduato. Com o passar do tempo e a população em crescimento, a escola não conseguia mais conter a demanda de alunos, recebendo então um prédio novo, onde está ainda hoje, sendo a maior escola da cidade e abrigando o maior número de alunos.

Destaca-se também no ambiente educacional o Pró-Jovem com o intuito de integrar adolescentes, com funções educativas e o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil).



Imagem 17. Primeira escola em Serra Redonda - Eduardo Medeiros

Aspectos Culturais: Artesanato, Festas Religiosas, Poesia e Música.

Os **Festejos Religiosos** são os atrativos que se destacam no período junino, começando no dia de São João, onde as pessoas acendem uma fogueira na frente de suas casas, soltando fogos e bombinhas em homenagem ao santo. As crianças se divertem, os adultos namoram na noite de São João. Uma das atrações de cultura e diversão no período junino são as quadrilhas organizadas pelos próprios moradores e patrocinadores da cidade. A quadrilha “Arraial da Serra” é uma das mais antigas da região, dança em vários lugares, levando sempre temas alegres, diversão, dança, exibindo simpatia e desenvoltura.

Podemos nos alegrar da **Festa do Santo Padroeiro São Pedro**. É uma das mais animadas, onde toda a população Serra Redondense e das cidades das redondezas participam das procissões, cultuando a imagem do santo padroeiro, praticando a sua fé, pagando suas promessas. Festa considerada como um dos momentos mais esperados pela população, onde todos se reúnem para festejar na rua com bebidas, comidas típicas, bandas com shows ao vivo, iniciando-se sempre a comemoração na véspera e terminando no dia de São Pedro. Festejando assim a festa do Santo Padroeiro. Uma festividade religiosa de anos de tradição cultuada pelos seus féis.

O **Carnaval** é também uma das festas mais tradicionais da cidade, sempre comemorado. Iniciava-se no sábado, conhecido como sábado gordo, terminando na terça-feira. No sábado não poderia faltar a tradicional figura do bloco Zé Pereira, uma espécie de boneco de Olinda. Quem iniciou como a figura do Zé Pereira, foi o ilustre Sr. Pedro de Alencar Granja. Este arrastava multidões, organizava os blocos, cantarolando com os foliões “olha o Zé Pereira aí gente, olha o Juvenal, olha o Zé Pereira no dia do carnaval”. O bloco Zé Pereira é um marco para o carnaval Serra Redondense, é quase impossível se pensar em carnaval sem o Zé Pereira.

Agora a alegria é mais longa, iniciando na sexta-feira. O bloco passa por toda a cidade a partir da meia noite na madrugada do sábado de carnaval, com bandas de músicas tocando, os foliões brincando, já se preparando para as quatro noites de carnaval. Pois já na primeira noite de carnaval que as pessoas se reúnem na praça para dançar, brincar e pular com muito frevo, marchinhas tocadas há mais de 20 anos. Outro bloco tradicional da cidade que não pode faltar é “Bagaço que a Porca Chupou”, com a figura de uma porca representando o bloco, este preparado para sair durante o dia, arrasta foliões de todas as regiões.

Em todos os aspectos culturais referidos sempre tem a presença ilustre da **Música**, tendo-se culturalmente se destacado em Serra Redonda. A sua presença, sua história não é de hoje, mas de uma época mais simples. Seu legado de músicos iniciou

com Abdon Tavares um fiscal municipal e músico refinado, que tocava instrumentos como saxofone, além de um talentoso clarinetista. Tendo a frente na primeira banda de música da cidade “ISA” em homenagem a filha do presidente Epitácio Pessoa.

A banda era pequena possuindo apenas 13 músicos que alegravam a cidade. Seu Bidon, assim conhecido tinha o maior prazer em proporcionar à população diversão, tocava na sua própria residência convidando assim, as pessoas para dançar. Tendo também se destacado, compondo no Rio de Janeiro um “dobrado” (composição musical, que no Brasil se destacou como marchas militar muito popular entre as bandas de música). Estes sinais de que a música sempre existiu na pequena cidade mais tarde cresce e se torna culturalmente valorizada pela sociedade Serra Redondense.

E o legado continua. Em 19 de fevereiro de 2001 a Prefeitura Municipal de Serra Redonda desenvolve um projeto na cidade de trazer diversão cultura e educação. Fundando assim a Banda Filarmônica Abdon Tavares. Nome este em homenagem a um dos poucos músicos que existiu e fez nome na cidade. A Banda teve como maestro Francisco Paulo. Este não mediu esforços para formar a filarmônica. A banda hoje é composta por vinte e quatro músicos, todos adolescentes da cidade, que fazem da música mais do que uma diversão uma arte cultural. Tocando as mais variadas músicas com repertórios que encantam a todos, compostos por vários dobrados, boleros, frevos, maxixes, música clássica e chorinhos. Por onde a banda filarmônica Abdon Tavares passa encanta. No desfile de 7 de setembro é uma das suas maiores aparições, sendo aplaudida no seu magnífico desfile pela cidade, onde a população se reúne para fazer o hasteamento da bandeira do Brasil, da Paraíba e da cidade. Seus músicos se dedicam, levando a Filarmônica há vários anos, permanecendo na história da cidade e com a esperança de que o legado continue por gerações futuras.



Imagem 18. Antiga Banda da cidade



Imagem 18. Atual banda da cidade - Filarmônica Abdon Tavares

4.8 Poeta

Serra Redonda pode se vangloriar de uma querida escritora que dedicou sua vida para escrever obras e críticas literárias, Nevinha Pinheiro. Filha do Sr. Luiz Biu Pinheiro casado com a Sra. Maria Hortina, que entre todos os seus filhos destaca-se Nevinha Pinheiro.

Nevinha Pinheiro ingressou a sua carreira em 1957 quando termina o colegial (Estadual de Campina Grande) seguindo para o Rio de Janeiro onde ingressa na faculdade de letras (UERJ), e posteriormente Nevinha Pinheiro passa a trabalhar no departamento de pesquisa do jornal do Brasil, fazendo trabalhos que há reconheceram como entrevistas com o pensador católico Alcéu Amoroso, conhecido como “Tristão de Ataíde”. Nevinha Trabalhou também no “Estadão” em São Paulo como crítica literária.

Escreveu um livro “A crucificação do Diabo”. Romance publicado em 1978 pela Editora Moderna. Livro este que, possuem comentários de Luís da Câmara Cascudo na contracapa, o mesmo acentua “livro original, poderoso, de revolta. Entendimento e ternura! Fora do trânsito dos romances habituais, esperma, baba e suor”.

Além de fazer publicações em jornais e revistas, crônicas, contos, artigos análises de obras literárias, entrevista com escritores, que correspondiam com ela como Josué Montelo, Erico Veríssimo e Carlos Drummond de Andrade, que também acentuava sua admiração por Nevinha, pois para este, ela era uma das poucas pessoas que sabiam criticar suas poesias, além dela o ter presenteado com o enredo da escola de samba do Rio de Janeiro, Mangueira, em homenagem a Carlos Drummond, sendo a escola campeã na época.

O poeta Carlos Drummond de Andrade agradeceu a Nevinha por ter feito uma das suas poesias ter se transformado em Música. O tamanho da intimidade dos escritores com Nevinha estão em cartas enviadas pelos mesmos, guardadas com suas irmãs, como uma riquíssima lembrança familiar.

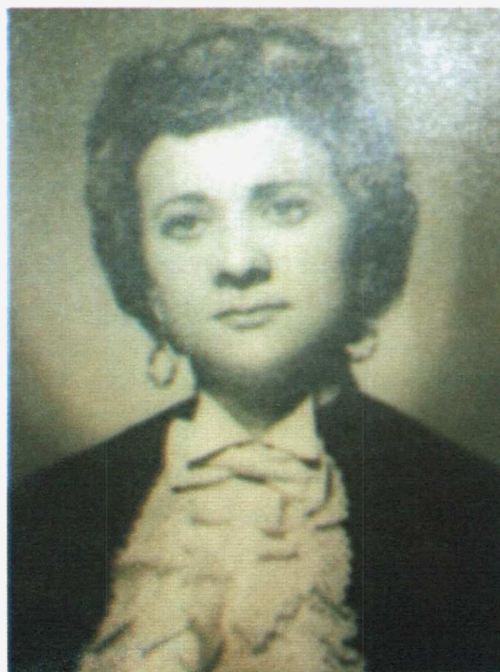


Imagem 20. Foto de Nevinha Pinheiro

4.9 Artesanato

O artesanato de Serra Redonda é uma tradição de gerações, que passou de mãe para filha. Labirinto e bordado por muito tempo foram atividades que geraram economia para as famílias. Com o passar dos anos, esta atividade foi perdendo seu espaço e sendo desvalorizada, diminuindo o número de bordadeiras na cidade.

Sendo assim as labirinteiras e bordadeiras resolveram se unir e formar a “Associação das Artesãs de Serra Redonda” fundada em 17 de agosto de 2006, possuindo 40 associadas que se reúnem para mostrar seus trabalhos. As artesãs ainda lutam por uma sede, pois através dela, teriam seu espaço para mostrar seu trabalho para população e os visitantes, atraindo assim, um comércio cultural para a cidade. Enquanto não possuem a sua sede, elas fazem seu trabalho em casa, vendem comercializam seus produtos através de amigos e familiares, que vem de outros estados. A sua fonte de renda é complementada para gerar um ciclo de seus produtos, elas trocam muitas vezes por outras mercadorias relacionadas ao labirinto, assim elas mantem a sua própria matéria-prima.

É difícil manter por gerações uma cultura riquíssima como são os trabalhos das artesãs, mesmo não tendo apoio, elas continuam fazendo o seu trabalho, todo à mão sendo donas do seu próprio processo, desde o corte do tecido até a última etapa, tendo muitos dos seus trabalhos duraram mais de um ano para serem realizados.

4.10 Cinema

Serra Redonda na década de 1970 era açoitada por uma falta de diversão, porém, um rapaz conhecido como Reinaldo, que residia na cidade do Ingá, trouxe para a cidade o cinema ambulante, o que marcou a história de Serra Redonda. Ele trazia à cidade diversos filmes para a alegria dos jovens, até que com o passar do tempo alguns espectadores como Sebastião Machado e Francisco Machado, investiram o seu capital na compra da máquina que transmitia os filmes. Esta máquina norte americana da marca "**Victor**", na verdade chegou a Universidade em João Pessoa, só que o reitor não sabia utilizá-la e daí a decisão de vendê-la. A máquina não possuía áudio e era preto e branco. O cinema teve a sua inauguração no mercado público, e se iniciava a partir das 20h00 horas. E a partir das 23h00 as luzes da cidade eram apagadas, ficando a população sendo iluminada com a luz da lua. A energia só veio a chegar na cidade às 21:00 h do dia, 23 de junho de 1962, através do Deputado Federal, Plínio Lemos.

No decorrer desta jornada os irmãos Machado resolveram separarem-se continuando o espetáculo com Sebastião, seus filhos e alguns secretários. Com o decorrer do tempo, muito esforço e perseverança Sebastião conseguiu fazer a compra de mais duas máquinas, para a época moderníssima. Estas tinham áudio e já eram coloridas, e isso tudo por causa de uma lente que era chamada de "ASCROUP", muito avançada na época. Os filmes de sucessos na época eram; *A Paixão de Cristo* que era do próprio de Sebastião; *Tarzan*; *A Morte Comanda o Cangaço*; *A Morte de Lampião*; *Assalto ao Trem Pagador*, entre outros com títulos românticos, de terror e ação.

Podemos destacar ainda no contexto cultural, que as atrações como o cinema e teatro foram deixadas para trás e esquecidos, dentro da própria cidade, perdendo seus valores culturais, mas permanecendo na memória de quem viveu, presenciou, e não esquece as maravilhas do simples como encantador da vida humilde do povo de Serra Redonda. Mesmo não tendo mais o "cineminha", ele existiu na cidade, alegrou e trouxe cores à vida de quem não conhecia a cultura, o prazer de viver a vida através da arte.

Outro prazer de diversão e cultura intelectual era o jornal que existiu em Serra Redonda. O "Eco da Serra", criado pelo Sr. Joaquim Dantas, Luiz Biu Pinheiro e Gerson Tavares, João Dantas, Alcides de Oliveira, e Paulo Dantas. Sua primeira edição saiu no dia 04 de abril de 1914 e só durou até o início de 1916. O jornal tinha a função de trazer as informações de Ingá e outras localidades para Serra Redonda.

Hoje 2012 a população de Serra Redonda tem a Rádio comunitária “Sorriso da Serra”, inaugurada em 17 de dezembro de 2002, mantendo-se através de suas divulgações de propagandas dos comerciantes da cidade, fazendo com que assim a rádio funcione, trazendo informações como entrevistas, músicas, diversão e entretenimento para a população Serra Redondense.

4.11 Considerações Finais

Construir uma história com seus personagens de antes, não é tarefa fácil, poucos permanecem, alguns modificam outras renascem, numa linha tênua do sujeito vivido, das suas particularidades ou em sociedades. A história é vivida e construída por todos do passado e do presente. Cabe a nós deixá-la ultrapassar os tempos, construir uma memória impagável, através da arte dos novos personagens, quer reconstroem uma memória viva.

Diante das dificuldades de ter uma somatória, do que podemos considerar, nos pequenos rastros deixados, coube a mim fazer uma pequena obra destinada a Serra Redonda, pequena cidade, mas grande em suas histórias, que não poderia ser deixada para trás, tendo sido esquecida, permanecendo apenas nas lembranças dos poucos habitantes que ainda rememoram a mesma.

Por isso resgatar essas memórias, é uma tarefa do historiador presente nas histórias contadas, de seus personagens, e sua cultura. Os ladrilhos das cidades, não deixam espaços vazios ao logo do seu tempo, apenas se transformam, mas nunca desaparecem, fazendo da cidade não apenas um lugar geograficamente, mas um espaço vivido, marcado por histórias, sensibilidades de quem as residem, sejam no passado ou no presente.

4.12 REFERÊNCIAS

- **CALVINO.** Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das letras, 1999
- **FILHO.** Nestor Alves de Mello. **Era um Tempo de Pardais**. Editora União, João Pessoa, 2009.
- **MARQUES.** Dário Machado. **História do Cinema de Serra Redonda**. Trabalho Acadêmico. Serra Redonda, 2010.

FONTES ORAIS:

- Depoimento da Sr. **Lima** de Pinheiro, Dioné. Professora, 85 anos, concedida entrevista a autora no dia 12 de outubro de 2012

RDS GRÁFICA E EDITORA LTDA.
FORTALEZA - CE
TIRAGEM: 500 EXEMPLARES
TIPOGRAFIA : ARIAL
FORMATO: A4
PAPEL DO MIOLO: OFFSET 75 g/m²
PAPEL DA CAPA: CARTÃO TRÍPLEX 250 g/m²
LAMINAÇÃO DA CAPA: Fosco
NÚMERO DE PÁGINAS: 86
ACABAMENTO: ENCADERNADO, DOBRADO INTERCALADO, COLADO

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – EDUFCCG

